JORACY CAMARGO

DEUS LHE PAGUE

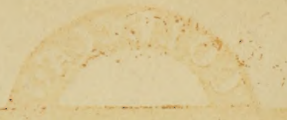
TEATRO

III EDIÇÃO

PREFÁCIO DE

PROCÓPIO FERREIRA

LIVROS DO BRASIL, LIMITADA

LISBOA

DEUS LHE PAGUE...

COLECÇÃO LIVROS DO BRASIL

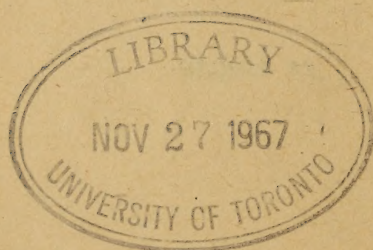
JORACY CAMARGO

DEUS LHE PAGUE...

COMÉDIA COMPLETA EM 3 ACTOS
DIVIDIDOS EM 9 QUADROS

PREFÁCIO DE PROCÓPIO

3.ª EDIÇÃO

LIVROS DO BRASIL, LIMITADA
Rua Vítor Cordon, 29-31 — LISBOA

A meu pai,
João Drumond Camargo

PREFACIO

«O TEATRO É A SÍNTESE DA VIDA»
(*Frase feita da crítica*)

PARA mim a vida é a miniatura do teatro. Ele a aumenta, a embeleza, a sublima. A vida cria o conflito; o teatro o resolve; e, nessa solução, a vida tem aumentado o seu património moral. A vida está cheia de Ciranos, Hamlets e Otelos, mas, só depois da arte os haver mostrado é que o mundo começou a reparar neles. A vida na sua simplicidade é banalíssima. Sem o magnetismo da arte toda a natureza é muda. Onde a epopeia de uma noite violenta de tempestade, se não houver um poeta para cantá-la? No calendário da vida a arte marca os grandes momentos emocionais. Que é a civilização senão uma gigantesca obra de arte, que a Humanidade vem criando pelo apuro dos instintos? O esforço humano violando os mais calados segredos da natureza para, do seu mistério, arrancar um pouco daquilo que ele chama perfeição, eis a eterna luta do homem. Diante da sua própria obra, as emoções dos homens são todas iguais.

Toda a palpitação de vida é registada pela arte com a violência de um choque. Por isso, a arte parece antecipar-se à vida quando objectiva emoções e ideias ainda sufocadas no íntimo das consciências. Mal se desenha o fenómeno, a sua força criadora dá-lhe forma, fazendo-o caminhar. E o seu poder de sugestão é tanto maior quanto maior for a soma de humanidade que trouxer. Arte que não vibre com células humanas não é arte, é cópia fria da natureza. É traição fotográfica.

★

Ora, a presente situação do mundo, paralizando milhares de braços, arrastou no chômage *imenso as forças criadoras da arte. O artista, ontem operário cheio de motivos, é hoje um moribundo a expirar dentro do casarão vazio. Não existe arte em decadência; há sociedades mortas, nas quais o artista já não pode viver. É este o quadro onde os artistas sem audácia ou sem compreensão do momento se debatem tràgicamente, procurando em razões, as mais diversas e absurdas, o motivo infeliz da sua própria mumificação.*

★

Estamos nas vésperas do grande dia de juizo de uma época. Dia do Deve e Haver; do prémio e do castigo. Como folhas sopradas por tufão violento, as mentiras caem fragorosamente. Ninguém mais crê senão naquilo que realmente existe. O mundo exige a verdade em tudo e em todos. Não basta que o criador seja verdadeiro, é necessário que a criatura também o seja. Ontem, crendo-se no criador, estava absolvida a criatura. Bastava uma aparência de verdade para endosso de alguém ou de alguma coisa. Era o bom tempo da «plataforma mentirosa», do parecer capcioso da «grande autoridade jurídica», da voz interesseira do «jornal do povo», que infiltrava nas consciências a sua opinião. Opinião que, transformada em crença, era intransigente. Firmada, assim, em suas convicções, por medo, res-

peito, ignorância ou preguiça, a Humanidade deixou-se apodrecer como água estagnada. E quando novos rios, pequeninos filetes de água clara, deslizarem ao encontro dos outros rios, até formar esse caudal imenso que tudo leva de enxurrada para o fundo dos abismos, nenhum tronco carunchoso resistirá à fúria da corrente. O que não possuir raízes fundas na terra será arrastado. Raizes são os elos indestrutíveis da verdade que reúne os homens. A solidariedade humana é essa comunhão de tentáculos, que se irmanam e confundem, partindo de um só ponto para os pontos mais diversos e distantes. O ideal é o ponto divergente:—dele partimos e a ele voltamos pela fatalidade da parábola. Por isso, lamento os que procuram desviar-se dessa rota traçada pela natureza omnipotente dos factos. Serão esmagados pelo todo. Nesta hora tremenda dos destinos humanos, em que as mentiras são abandonadas como jóias incómodas, em fim de orgia, insistir em mantê-los é dar ao mundo o mais triste espectáculo de si próprio.

★

O artista e a arte têm de ser verdadeiros para que haja utilidade na criação. Hoje, um homem tem que ser uma verdade, um valor, uma afirmação clara, precisa, integral. Ontem, o adjectivo valorizava o homem, hoje, o homem é quem valoriza o adjectivo.

★

Joracy Camargo é, portanto, um homem de génio.

★

Deus lhe pague... *não é simplesmente uma peça que caiu no goto do público e permaneceu no cartaz por culpa do empresário*

imbecil. Não é desses êxitos de gargalhada, deprimentes, despudorados e cretinos que hão-de envergonhar suficientemente no futuro.

Deus lhe pague... *é a grande obra cultural do teatro brasileiro. Marca o início da nossa arte cénica, na sua verdadeira expressão: — teatral, cultural e social. Com* Deus lhe pague... *o nosso teatro, até agora acanhada representação de hábitos, usos e costumes, pilhérias e sem intenções além de distrair, integra-se na sua alta missão educativa como factor principal de civilização.*

O teatro cátedra, como o possuem os grandes povos, encontra, nesta obra prima de Joracy Camargo, o modelo de lição humana, profunda, sadia e lógica, exigida às obras de condução que focalizam os grandes momentos da história. Realização magistral sobre as emoções da hora presente: reflectindo as inquietações, as ânsias, os receios e os temores do mais belo dia do mundo, Deus lhe pague... *será para os vindouros o pergaminho precioso onde se escreveram as verdades palpitantes da consciência sofredora dos nossos dias. Os louros que lhe atiraram florescerão sempre; cada geração saberá renová-los, porque* Deus lhe pague... *é dessa imortalidade sólida dos planetas que não desaparecem nunca. Sei perfeitamente o quanto hão-de parecer exageradas, aos olhos dos falhados, dos nulos, dos imbecis e dos despeitados, estas minhas palavras.*

Felizmente, isso já não nos tira o bom humor, como outrora. Sabemos o que somos, onde estamos e para onde caminhamos. Já não nos movem a cabeça os zurros de tais alimárias. Dentro de uma profunda solidariedade humana, só-nos interessa o bem que possamos fazer à colectividade. Já rompemos o círculo de ferro das competições pessoais. Somos por todos e para todos. Do palco atiraremos aos nossos a verdade com a mais pura das intenções.

Operários da arte, a nossa produção é para todos aqueles que quiserem e souberem aproveitar um pouco deste trabalho feito com sangue. Fraca, embora, a nossa dialéctica já é razão de ser da nossa existência, uma vez que no grande ideal da felicidade humana

fomos encontrar a única fonte mitigadora da nossa sede de justiça.

A coragem que nos anima não repousa numa fantasia; antes do pensamento, falou-nos o instinto, por isso a nossa marcha é consciente. O autor e o intérprete vivem Deus lhe pague... *Ambos são todos aqueles personagens da tragédia colossal.*

PROCÓPIO.

PRIMEIRO ACTO

CENÁRIO

Porta principal e monumental de uma velha igreja. A acção começa um pouco antes de ser iluminada a cidade, mas no interior da igreja há a luz morta dos templos. Ao subir o Pano, entram na igreja UMA SENHORA DE LUTO, *tranquilamente. Logo depois,* UM SENHOR, *também sereno, e, finalmente,* UMA JOVEM, *agitadíssima, olhando para os lados. Passados dois ou três segundos, entra* UM MENDIGO *de 50 anos, barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas, em suma, uma cabeça que despertaria a atenção dos pintores retratistas; chapéu de feltro, velho e esburacado, sem fita, em forma de saco; casaco de casimira, preto, esfarrapado, bem amplo, com os enormes bolsos cheios, volumosos; calças também escuras, remendadas «à la diable»; botas velhas, deixando ver alguns dedos sem meias. Traz um pau tosco, que lhe serve de bengala, e um maço de jornais amarrotados. Vem andando com o desembaraço que lhe permite a saúde de uma velhice bem nutrida. Ao avistar* UM RAPAZ *que entra em sentido contrário, simula, instantâneamente e com muita prática, um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento; e, apoiando-se na «bengala», procura sentar-se a custo sobre os jornais que atira ao primeiro degrau da escada, ao mesmo tempo que retira o chapéu e o estende ao Rapaz.* ESTE *maquinalmente, sem olhar, atira uma moeda, que*

o MENDIGO *apanha com o chapéu, tão hàbilmente como um pelotário apanharia uma bola na cesta...* O RAPAZ *entra na igreja, enquanto o* MENDIGO *diz, sem dar grande importância ao esmoler:*

MENDIGO

Deus lhe pague... (*Olha para dentro da igreja e para os lados, para então ajeitar melhor os jornais, a «bengala» e o chapéu, tomando posição cómoda e definitiva para o «trabalho»...—Em seguida, entra* OUTRO MENDIGO—*mesma idade, mesmos farrapos, mas de aparência pior, porque revela um grande abatimento físico. É mesmo esquálido e faminto.*—MENDIGO, *distraìdamente, à passagem do* OUTRO, *estende-lhe o chapéu*). Ah! (*Risonho*). Desculpe... Não tinha reparado que o senhor é colega...

OUTRO

Ainda não fiz nada hoje, velhinho. Tenho cigarros. Aceita um?

MENDIGO

São bons?

OUTRO

Hoje, até as pontas que consegui apanhar são de cigarros ordinários! (*Tira do bolso uma latinha cheia de pontas de cigarros, abre-a e oferece*).

MENDIGO

Muito obrigado. Não fumo cigarros ordinários. Quer um charuto? (*Tira-o do bolso*).

OUTRO

(*Aceitando, espantado*). Olá!

MENDIGO

É Havana! Tenho muitos! Custam 10$000 cada um.

OUTRO

Aceito, porque nunca tive jeito para roubar...

MENDIGO

Nem eu.

OUTRO

Não foram roubados?

MENDIGO

Foram comprados. Ainda não sou ladrão...

OUTRO

Desculpe. É que...

MENDIGO

Não é preciso pedir desculpas. Não sou ladrão, mas podia sê-lo. É um direito que me assiste.

OUTRO

(*Sentando-se na escada*). Acha?

MENDIGO

Acho, mas sempre preferi trabalhar. Como trabalhar nem sempre é possível, resolvi pedir esmola, antes que fosse obrigado a roubar. Pedir dá menos trabalho.

OUTRO

(*Alarmado*). E é por isso que o senhor pede?

MENDIGO

Só. O senhor conhece a história do mundo?

OUTRO

Não.

MENDIGO

Antigamente, tudo era de todos. Ninguém era dono da terra e a água não pertencia a ninguém.

Hoje, cada pedaço de terra tem um dono e cada nascente de água pertence a alguém. Quem foi que deu?

OUTRO

Eu não fui...

MENDIGO

Não foi ninguém. Os espertalhões, no princípio do mundo, apropriaram-se das coisas e inventaram a Justiça e a Polícia...

OUTRO

Para quê?

MENDIGO

Para prender e processar os que vieram depois. Hoje, quem se apropriar das coisas, é processado pelo crime de apropriação indébita. Por quê? Porque eles resolveram que as coisas lhe pertencessem...

OUTRO

Mas quem foi que deu?

MENDIGO

Ninguém. Pergunte ao dono de uma faixa de terra na Avenida Atlântica se ele sabe explicar porque razão aquela faixa é dele...

OUTRO

Ora! É fácil. Ele dirá que comprou ao antigo dono.

MENDIGO

E o antigo dono?

OUTRO

Comprou de outro.

MENDIGO

E o outro?

OUTRO

De outro.

MENDIGO

E estoutro?

OUTRO

Do primeiro dono.

MENDIGO

E o primeiro dono, comprou de quem?

OUTRO

De ninguém. Tomou conta.

MENDIGO

Com que direito?

OUTRO

Isso é que eu não sei.

MENDIGO

Sem direito nenhum. Naquele tempo não havia leis. Depois que um pequeno grupo dividiu tudo entre si, é que se fizeram os Códigos. Então, passou a ser crime... para os outros, o que para eles era uma coisa natural...

OUTRO

Mas os que primeiro tomaram conta das terras eram fortes e podiam garantir a posse contra os fracos.

MENDIGO

Isso era antigamente. Hoje, os chamados donos não são fortes e continuam na posse do que não lhes pertence.

OUTRO

Garantidos pela polícia, pelas classes armadas...

MENDIGO

Sim. Garantidos pelos que também não são donos de nada, mas que foram convencidos de que devem fazer respeitar uma divisão na qual foram aquinhoados.

OUTRO

E o senhor pretende reformar o mundo?

MENDIGO

Tinha pensado nisso, mas depois compreendi que a Humanidade não precisa do meu sacrifício.

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque o número de infelizes avoluma-se assustadoramente...

OUTRO

(*Sorrindo*). E foi por isso que desistiu de reformar o mundo?

MENDIGO

Foi. Abandonei a sociedade e resolvi pedir-lhe o que me pertence. Exigir é impertinência; pedir é um direito universalmente reconhecido. Dá prazer a quem se pede, não causa inveja. O senhor já reparou que ninguém é contra o mendigo? Porque será? Porque o mendigo é o homem que desistiu de lutar contra os outros.

OUTRO

Os homens não precisam de nós...

MENDIGO

Precisam, senhor... Como é o seu nome?

OUTRO

Barata.

MENDIGO

Precisam, mas não dependem; e é por isso que nos olham com ternura.

OUTRO

Ora! Quem é que precisa de um mendigo?

MENDIGO

Todos! Eles precisam muito mais de nós, do que nós deles. O mendigo é, neste momento, uma necessidade social. Quando eles dizem: «Quem dá aos pobres, empresta a Deus», confessam que não dão aos pobres, mas emprestam a Deus... Não há generosidade na esmola: há interesse. Os pecadores dão, para aliviar os seus pecados; os sofredores, para merecer as graças de Deus. Além disso, é com a miséria de um níquel que eles adiam a revolta dos miseráveis...

OUTRO

Mas quando agradecem a Deus, revelam o sentimento da gratidão.

MENDIGO

Não há gratidão. Só agradece a Deus quem tem medo de perder a felicidade; se os homens tivessem a certeza de que seriam sempre felizes, Deus deixaria de existir, porque só existe no pensamento dos infelizes e dos temerosos da infelicidade. Quem dá esmola pensa que está comprando a felicidade, e os mendigos, para eles, são os únicos vendedores desse bem supremo.

OUTRO

(*Desanimado*). A felicidade é tão barata...

MENDIGO

Engana-se. É caríssima. Barata é a ilusão. Com um tostãozinho compra-se a melhor ilusão da vida, porque, quando a gente diz: «Deus lhe pague...», o esmoler pensa que, no dia seguinte, vai tirar cem contos na lotaria... Coitados! São tão ingénuos... Se dar uma esmola, um mísero tostão, à saída de um «cabaret», onde se gastaram milhares de tostões em vícios e corrupções, redimisse pecados e comprasse a felicidade, o mundo seria um paraíso! O sacrifício é que redime. Esmola não é sacrifício! É sobra. É resto. É a alegria de quem dá porque não precisa pedir.

OUTRO

O senhor é contra a esmola?

MENDIGO

Sou a meu favor e contra os outros. A sociedade exige que eu peça. Eu peço. E foi pedindo que me vinguei dela.

OUTRO

Como assim?!

MENDIGO

Porque, obrigado a pedir, fui obrigado a enriquecer!

OUTRO

(*Em segredo*). O senhor é rico?!

MENDIGO

Riquíssimo! Não tive outro remédio...

OUTRO

Há-de explicar-me como foi obrigado a ficar rico.

MENDIGO

A sociedade é muito defeituosa, meu velho. Pela lógica, o mendigo devia ser sempre pobre. Pelo menos, enquanto fosse mendigo. Entretanto, pobres, realmente pobres, são os ricos. Pobres de espírito, pobres de tranquilidade, de fraternidade, e, às vezes, até de dinheiro!

OUTRO

Não estou entendendo nada... (O SENHOR *que entrara na igreja, sai, visìvelmente preocupado, agitado, indeciso.* OUTRO *estende-lhe a mão*). Uma esmolinha pelo amor de Deus!... (O SENHOR *não dá*).

MENDIGO

(*Estendendo-lhe o chapéu*). Favoreça, em nome de Deus, a um pobre que tem fome!... (O SENHOR *dá e sai agitadíssimo.* O OUTRO *irrita-se*). Conhece esse sujeito?

OUTRO

Não.

MENDIGO

É o Vieira de Castro, presidente do *consortium* das fábricas de tecidos. Milionário. Tanto quanto eu! Observou

a aflição desse homem, procurando igrejas a esta hora da noite? Sabe o que significa um momento de contrição religiosa de um milionário?

OUTRO

Não.

MENDIGO

Egoísmo. Luta entre eles! Miséria!... Pior do que a nossa!

OUTRO

Do que a minha?!...

MENDIGO

Sim, porque a minha faria inveja ao homem mais rico do mundo... A minha miséria é a miséria mais confortável que há.

OUTRO

Mas não me explicou ainda como foi obrigado a fazer fortuna.

MENDIGO

Pedindo e guardando. Fui obrigado a guardar, porque a sociedade me impedia de gastar. Esta roupa, que recebi como esmola, visto-a há vinte e cinco anos. Substituí-la por uma nova, seria desmoralizar a minha profissão... Logo, fui obrigado a economizar, pelo menos, o valor dos dois fatos por ano... cinquenta fatos. Vinte e cinco contos!

OUTRO

A 500$000 cada um?

MENDIGO

É quanto me custam agora... Obrigado a comer os restos da comida que os outros me davam, calculo a minha economia, por baixo, em 6$000 diários... sem gorgetas...

OUTRO

(*Fazendo cálculos*). Cento e oitenta por mês... 2 vezes nada, nada; 2 vezes 8, 16; 2 vezes 1, 2 e 1, 3; uma vez nada, nada; 1 vez 8, 8; 1 vez 1, 1. 6, 11 e vão 2. Dois contos cento e sessenta por ano...

MENDIGO

Em vinte e cinco anos...

OUTRO

(*Novos cálculos, balbuciando e contando pelos dedos*). Mais de cinquenta contos.

MENDIGO

Acrescente agora outras despesas, como cinemas, teatros, desporto e certos luxos que me pareceram inconvenientes para um mendigo, e compreenderá como pode um mendigo enriquecer e um rico empobrecer.

OUTRO

Tem razão.

MENDIGO

Nós vivemos acumulando as sobras da sociedade. E a sociedade pensa que as sobras não fazem falta. É ilusão de um lucro, porque não há lucro. O que há é uma necessidade menor no momento em que o dinheiro é maior.

Quando a necessidade aumenta, o que era lucro passa a ser prejuízo. Se o senhor não tiver necessidade de comprar um automóvel, não sentirá falta do dinheiro que ele custa. Se o senhor não tiver nenhuma necessidade, o dinheiro que tiver no bolso será lucro. É sobra. Pouco se lhe dá deitá-la fora. E nós, os mendigos, somos a lata do lixo da humanidade.

OUTRO

Mas o senhor é rico mesmo?!

MENDIGO

Sou; mas não tenho culpa nenhuma disso...

OUTRO

E pretende continuar esmolando?

MENDIGO

Até o fim da vida. Não me dá trabalho nenhum... não pago impostos, não estou sujeito a incêndio nem a falência...

OUTRO

Mas, se vivesse dos rendimentos, também não precisaria de trabalhar. Porque não emprega o seu dinheiro na indústria, no comércio e na lavoura?

MENDIGO

Para quê, se não tenho necessidade de arriscar o meu capital?!

OUTRO

Em compensação ganharia muito mais.

MENDIGO

Puro engano. O lucro maior não é a maior quantidade de dinheiro que sobra. No comércio ou na indústria, quem ganha mais precisa gastar mais. No meu caso, dá-se o contrário: quanto mais ganhar, menos preciso e devo gastar, para ganhar mais e mais. E depois, o que faço não é ganhar; é cobrar o que a sociedade me deve. E cobro humildemente, suavemente, em prestações módicas.

OUTRO

Quanto lhe deve a sociedade?

MENDIGO

Tanto quanto deveria caber a mim, se houvesse uma divisão «camarada».

OUTRO

Comigo, essa gente tem sido muito caloteira...

MENDIGO

É que o senhor não sabe cobrar... Como é que o senhor pede uma esmola?

OUTRO

Como todos: «Uma esmola pelo amor de Deus...»

MENDIGO

Isso é passadismo!... Ninguém mais ouve esse pedido. Deus é uma palavra sem expressão. Quando se diz: «Ai! Meu Deus!»—é como se estivesse dizendo: «Ora, bolas!» O senhor nunca ouviu um ateu dizer: «Graças a Deus, sou ateu»?

OUTRO

Já.

MENDIGO

Pois então? Hoje, poucos compreendem o valor dessa expressão. Fale em fome. Fome é mais impressionante. Há mais de 30.000.000 de famintos no mundo! Mas fale em fome, sempre onde não haja pão ou comida.

OUTRO

Para quê?

MENDIGO

Para que eles lhe dêem dinheiro. O senhor, com certeza, tem mendigado a domicílio...

OUTRO

Realmente, sempre vivi percorrendo casas de família.

MENDIGO

É um mal. Quem mendiga a domicílio não faz carreira. Só dão pratos de comida e restos de pão. Adopte o meu sistema. Especializei-me em transeuntes e portas de igrejas em dia de missa de defunto rico. Leio os jornais. Pelos anúncios, calculo a féria do dia.

OUTRO

E hoje, porque está aqui, a esta hora?

MENDIGO

O senhor não sabe? Bem se vê que o senhor não tem vocação para mendigo. E falta-lhe prática. Hoje é o dia do encerramento do mês de Maria. A igreja está repleta. (*Retirando um papel do bolso e lendo-o*). Aqui está a lista que o meu secretário apresentou: «Lotação completa: oitocentas e cinquenta pessoas.»

OUTRO

O senhor tem secretário?

MENDIGO

Contratei um rapaz esperto, que percorre a cidade, lê jornais e lembra-me as datas. Às vezes, estou tranquilamente em casa, na minha biblioteca, metido num dos meus lindos «robes-de-chambre», lendo Upton Sinclair, Karl Marx... quando recebo um telefonema urgente. É o meu secretário, avisando sobre uma boa missa, um excelente casamento, uma festa popular, onde há maior número de generosos, segundo a sua psicologia.

OUTRO

O senhor tem uma organização perfeita!

MENDIGO

O serviço está bem organizado. Aqui nesta igreja, por exemplo, estão (*Lê*) «234 pessoas de luto, sendo 183 se-

nhoras». Nota: «A maioria é de luto recente». (*Falando*). Luto recente é um grande sinal de generosidade. (*Lendo*) «86 solteironas». (*Falando*). A solteirona é um grande amigo do mendigo. Quando a gente diz: «Deus lhe pague», ela vê logo um lindo rapaz caindo do céu por descuido... Mas é preciso que, ao pedir, a gente tenha um certo sorriso de bondade e malícia nos lábios... É uma esperança de casamento...

OUTRO

Vamos ao resto! Sinto que vou melhorar a minha vida!

MENDIGO

Vá por mim... (*Lendo*) «Comerciantes com cara de falência próxima, 18. Noivos e namorados com as respectivas, 96. O resto é gente «chic», além de pecadores arrependidos». (*Falando*) O meu secretário é um grande psicólogo!

OUTRO

Está-se vendo!...

MENDIGO

Como vê, a féria vai ser grande. Comerciante falido dá pouco, mas não deixa de dar: tem medo da miséria. Namorado dá dois mil réis. Noivo dá dez tostões. Já tem mais intimidade com a pequena... Pecadores, em geral, dão níqueis...

OUTRO

O senhor nasceu mendigo!

Não. Nasci trabalhador! Lutei muito pela vida! Luta desigual! Eu era um pobre operário, com a cabeça cheia de sonhos e os braços em constante movimento. Cheguei às portas da fortuna e não pude entrar, porque me bateram com as portas na cara!

OUTRO

Há muito tempo?

MENDIGO

Há vinte e cinco anos... Eu vou-lhe contar... (*Apagam-se todas as luzes do Teatro.* O MENDIGO *é substituído por um figurante de igual tipo, que permanecerá em seu lugar. Ao mesmo tempo, sobe o telão, desaparecendo a igreja e deixando ver um tablado superior, provido de luzes fortes. À frente desse tablado, cai uma cortina de gaze. As luzes da «avant-scène» ficam apagadas*).

CENÁRIO DO TABLADO

Um gabinete pobre. Móveis simples de sala de jantar. Lâmpada comum pendente de um fio. Ao subir o telão, está em cena MARIA, *cantarolando, feliz, enquanto arruma a mesa de jantar. Veste-se com extrema simplicidade, usa cabelo trançado e chinelos, tudo como há vinte e cinco anos. São 8 horas da noite. Logo batem à porta.* MARIA *vai abrir. Entra um* SENHOR *bem posto, com ares importantíssimos.* MARIA *limpa as mãos no avental, para cumprimentá-lo. Ele nem se apercebe disso.*

SENHOR

Boa noite!

MARIA

Boa noite! (*Limpando uma cadeira com o avental*). Faça favor de sentar-se.

SENHOR

(*Risonho*). Obrigado. Não tem curiosidade em saber quem sou eu?

MARIA

(*Contente*). Não perguntei ainda, porque o senhor está tão bem vestido...

SENHOR

Só por isso?...

MARIA

Só. O senhor deve ser muito importante e eu não sei se é falta de educação perguntar. (SENHOR *sorri*). Os hábitos das pessoas importantes são tão diferentes dos nossos...

SENHOR

São os mesmos, minha senhora. A educação é uma só.

MARIA

Pois eu acho que não é...

SENHOR

Porquê?

MARIA

Porque, pelos nossos hábitos, aperta-se a mão das pessoas...

SENHOR

As pessoas importantes, quando são educadas, também fazem isso...

MARIA

Mas o senhor não fez...

SENHOR

(*Sorrindo-lhe e apertando-lhe a mão*). Foi distracção. Boa noite.

MARIA

Boa noite. Posso perguntar?...

SENHOR

Pode.

MARIA

Quem é o senhor?

SENHOR

Sou o director das fábricas onde seu marido trabalha.

MARIA

(*Espantada*). Ah! (*Limpando a cadeira*). Faça o favor de sentar-se!

SENHOR

(*Sentado*). Muito obrigado. Não é preciso ficar atarantada...

MARIA

(*Reparando nele*). Juca é um mentiroso!

SENHOR

Quem é Juca?

MARIA

Meu marido.

SENHOR

Porque é que ele é mentiroso?

MARIA

Ele disse-me que o senhor tem cara de chimpanzé!

SENHOR

Oh! Você acha?

MARIA

Não. Não acho. Mas o senhor também não é como eu pensava.

SENHOR

Como é que você pensava?

MARIA

Pensava que o senhor fosse «milionário»!

SENHOR

Pois eu sou milionário.

MARIA

Ah! Então, os milionários são assim?

SENHOR

Assim, como?

MARIA

Assim... Eu pensava que os milionários andassem com roupas de ouro... chapéu de ouro... (O SENHOR *sorri*). O senhor come?

SENHOR

Como...

MARIA

Tem dores de cabeça?

SENHOR

Tenho...

MARIA

Tem rins?

SENHOR

Tenho...

MARIA

E doem?

SENHOR

Horrìvelmente!

MARIA

E o senhor, quando tem sede, bebe água?

SENHOR

Bebo.

MARIA

Tem pesadelos de noite?

SENHOR

Quase sempre!

MARIA

Ora! (*Rindo*). Que tola! Eu vivia sonhando com um milionário e, afinal, um milionário não vale nada!

SENHOR

(*Sorrindo*). Oh!...

MARIA

Prefiro o meu Juca!

SENHOR

Porquê?

MARIA

O meu Juca é muito diferente! Nunca tem dor de cabeça! Não tem dores nos rins e sonha sonhos lindos! Nunca teve um pesadelo!

SENHOR

É um homem feliz, o seu marido! Onde está ele?

MARIA

Não deve tardar. Ele agora fica na fábrica até mais tarde.

SENHOR

Já sei. Fazendo a experiência de um novo invento...

MARIA

O senhor já sabia?!

SENHOR

Já. É justamente para falar-lhe sobre isso que estou aqui.

MARIA

O senhor acha que ele pode ficar rico?

SENHOR

Mais do que eu!

MARIA

(*Contente*). Que bom! O aparelho é tão bonitinho, não é?

SENHOR

Não sei. Ainda não o vi...

MARIA

Está tudo desenhado num papel. Foi ele mesmo!

SENHOR

Ele sabe desenhar?

MARIA

Sabe.

SENHOR

Não acredito...

MARIA

Sabe e muito bem!

SENHOR

Só vendo...

MARIA

(*Indignada*). Pois eu vou mostrar ao senhor! (*Sai apressada.* O SENHOR *levanta-se, visìvelmente contente, e vai à porta da entrada espreitar.* MARIA *volta, trazendo um canudo de lata*). Está tudo aqui neste canudo! (*Entrega-o.*) Faça o favor de

ver! (O SENHOR *retira os desenhos e examina-os ràpidamente*). O senhor está muito enganado! Juca é o homem mais inteligente do mundo!

SENHOR

Realmente os desenhos estão perfeitos!...

MARIA

Com essa máquina, um operário, só, faz o serviço de cem! Está tudo escrito por ele.

SENHOR

Você já leu?

MARIA

Não li, porque não sei; mas a letra é muito bonita. A papelada está guardada comigo. Juca só tem confiança em mim!

SENHOR

Vê-se logo!...

MARIA

Escondi tudo debaixo do colchão!

SENHOR

Mas eu não acredito que ele tenha uma letra bonita.

MARIA

Não acredita?

SENHOR

Não! Só vendo...

MARIA

Pois vai ver! (*Sai.* SENHOR *dobra os desenhos, guarda-os no bolso e tapa o canudo. Volta à porta para espreitar.* MARIA *reaparece com um maço de papéis*). Olhe aqui! Onde é que o senhor viu uma letra mais bonita do que esta?

SENHOR

(*Apanhando os papéis*). Linda! Juca é um grande homem.

MARIA

Não é mesmo?

SENHOR

(*Lendo ràpidamente*). E como escreve bem! (*Lendo alto, distraidamente*) «... o segredo está nas lançadeiras A e B, cujo movimento...» (*Continua a ler baixo*).

MARIA

O senhor está lendo o segredo?!

SENHOR

Estou, mas eu sou um homem honrado!

MARIA

E o senhor dá a sua palavra de honra...?

SENHOR

De que sou honrado?

MARIA

É.

SENHOR

Dou. (*Dando-lhe papéis e canudo*). Mas você deve guardar isto direitinho e nunca mais mostrar a ninguém!

MARIA

Juca, quando sai de casa, diz-me isso sempre.

SENHOR

Pois é. Há muita gente que não presta, espalhada por aí. E não diga ao seu marido que me mostrou esses papéis.

MARIA

Acha que fiz mal?

SENHOR

Não fez mal, porque eu sou de confiança, porém ele ficaria zangado com você.

MARIA

Então, pelo amor de Deus, não conte a ninguém que eu lhe mostrei tudo!

SENHOR

Descanse... (*Risonho, mimando-lhe o queixo*). Se um dia ele brigar com você, você irá morar num palácio... terá vestidos de seda... jóias, um lindo «coupé» para passear...

MARIA

Tudo isso, se ele brigar comigo?

SENHOR

É... E muito mais ainda!...

MARIA

Quem é que dá?

SENHOR

Eu!

MARIA

Então, não faz mal que ele se zangue comigo?

SENHOR

Não! Mas não é hoje. Você deve fingir que não sabe nada, deve-lhe dar muitos beijos para que ele não desconfie!

MARIA

É assim que as pessoas importantes fazem?

SENHOR

É... E agora guarde tudo isso.

MARIA

(*Apanhando os papéis e o canudo*). Que bom! Estou ficando importante! (*Sai apressada.* O SENHOR *vai novamente à porta, quando entra* JUCA, *moço, 25 anos, vestido como os operários de 1905*).

SENHOR

Boa noite.

JUCA

(*Desconfiado*). Boa noite... O senhor em minha casa?

SENHOR

(*Risonho*). Quis ter a honra de ser o primeiro a abraçá-lo.

JUCA

Porquê?

SENHOR

Então, trabalhando às escondidas...

JUCA

Espero que não venha censurar-me por permanecer na fábrica depois de acabado o serviço...

SENHOR

Ao contrário! Sempre tive grandes simpatias por você.

JUCA

Obrigado.

SENHOR

E já estou informado de que está às portas da fortuna, com o invento do novo tear.

JUCA

(*Modesto*). Qual! Um aparelhozinho sugerido pela preguiça de um operário cansado...

SENHOR

Uma preguiça que faz o trabalho de cem operários...

JUCA

(*Alarmado*). Como é que o senhor sabe disso?!

SENHOR

Só assim o seu invento teria o valor que o meu gerente lhe atribui.

MARIA

(*Entrando, com vivacidade, maneiras «importantes», e beijando Juca muitas vezes*). Você já veio, Juca? Oh! Demorou tanto!

JUCA

(*Intrigado*). O senhor já havia falado com minha mulher?

SENHOR

Apenas tive tempo de perguntar-lhe por você...

JUCA

(*Meio atrevido*). Mas, afinal, que é que o senhor deseja de mim?

SENHOR

(*Enérgico*). Não se esqueça de que sou seu patrão! (JUCA *encolhe-se, humildemente*). Não se julgue, por enquanto, um grande senhor! O seu invento será inútil sem o meu auxílio.

JUCA

Já tenho propostas de fábricas estrangeiras...

SENHOR

É a mesma história de todos os inventos nacionais... (*Sentando-se*). Sente-se! (JUCA *não obedece*). Sente-se!

JUCA

Peço-lhe que me dispense. Ficaria constrangido diante do patrão. (O SENHOR *sorri*).

MARIA

Sente-se, Juca! Você vai ficar mais rico do que ele.

JUCA

Quem foi que disse isso?!

MARIA

Ele mesmo!

JUCA

(*Desconfiado*). Ah!... (*Ao* SENHOR). Acha, então que vou enriquecer?

SENHOR

Se não for idiota!

JUCA

Como assim?

SENHOR

Transferindo o invento para mim, convencido de que não o poderia explorar.

JUCA

E depois?

SENHOR

Ser-lhe-ia garantida uma percentagem sobre o excesso de produção...

JUCA

Isto quer dizer...?

SENHOR

... que em pouco tempo você seria milionário... à minha custa...

JUCA

À custa do meu invento...

SENHOR

Já lhe disse que o seu invento não vale nada... sem o meu auxílio!...

JUCA

(*Indeciso*). É... Mas... (*Senta-se distraìdamente*). Há três anos que venho perdendo noites inteiras... O meu salário tem sido consumido em experiências...

SENHOR

Pois agora terá a recompensa de todo o sacrifício!... (*Levantando-se*). Pense bem, para que amanhã não me procure arrependido... (*Vai a sair. À porta, apalpa o bolso em que guardara os desenhos*). Não se esqueça de que a sua felicidade está no meu bolso... Boa noite! (*Sai.* JUCA *permanece pensativo*).

MARIA

(*Que foi até à porta e voltou*). Você não desconfia de nada?

JUCA

Desconfio dele!...

MARIA

Que tolo! Devia desconfiar de mim...

JUCA

Por quê?

MARIA

(*Depois de hesitar—num arroubo de sinceridade*). Ora! Eu não dou para fingimentos de gente importante!

JUCA

Que é que você quer dizer com isso, Maria?!

MARIA

Eu mostrei-lhe tudo!

JUCA

(*Furioso*). Hem?! Que é que você me está dizendo?!

MARIA

Não adianta ficar zangado, porque ele prometeu-me palácios, vestidos de seda e tudo!

JUCA

Maria! Onde estão os meus papéis?! (*Sai a correr.* MARIA *corre à porta que dá para a rua e nela aparece o* SENHOR).

SENHOR

Indiscreta...

MARIA

O senhor ainda está aí?

SENHOR

Estou sempre onde está o meu interesse...

JUCA

(*Dentro—desesperado*). Maria!!!

MARIA

Fuja, pelo amor de Deus!

SENHOR

Boa noite... menina... Fique pensando num lindo palácio... e nos vestidos de seda...

MARIA

(*Nervosa*). Agora não tenho tempo!

SENHOR

Boa noite... (*Sai*).

JUCA

(*Dentro*). Maria! (MARIA *permanece onde estava, aparvalhada.* JUCA *entra, trazendo os papéis e o canudo, sem a tampa*). Maria! Onde estão os meus desenhos?

MARIA

(*Sem se mover*). No canudo...

JUCA

(*Atirando tudo ao chão*). Foram roubados, Maria! Toda a nossa vida! (*Num ímpeto, a sair*). Canalha! Miserável! (*Sai a correr para a rua.* MARIA *apanha o canudo, examina-o, atira-o sobre a mesa e apanha os papéis, amarrotando-os. Entra* UMA MULHER DO POVO, *vizinha*).

MULHER

Que foi, Maria?

MARIA

Foi o Juca!... Os desenhos... O palácio... os vestidos de seda...

MULHER

(*Espantada*). Que é que você tem?

MARIA

Nada... Foi aquele homem! (*Com expressão de louca*).

MULHER

Que homem?

MARIA

(*Idem*). O diabo! Aquele homem era o diabo!

MULHER

Que é isso, Maria?

MARIA

Não sei! Tenho vontade de gritar!

MULHER

Porquê?

MARIA

Aquele homem!... O palácio! Os vestidos! As jóias!...

MULHER

Maria!

MARIA

(*Delirando*). Aqui é o meu palácio! Como é bonito! Está vendo a escadaria de mármore?

MULHER

(*Sacudindo-a*). Maria! Maria!

MARIA

Não me rasgue o vestido de seda! Você está com inveja.

MULHER

Coitada! (*Entra o* SENHOR).

MARIA

(*Apontando-o*). Olha o diabo! Foi ele que me deu este palácio! Não foi?

SENHOR

(*Surpreso, mas sempre sorrindo*). Foi. (*Toma-lhe os papéis*). E agora? Vamos ao teatro? (*Pilheriando*). Vamos! Vá buscar a sua «toilette» mais rica.

MARIA

Aquela de pedras preciosas?

SENHOR

É... (MARIA *sai, de busto erguido e ares importantes*).

MULHER

Coitada! Enlouqueceu! Que foi, senhor?

SENHOR

Vítima de um marido possesso.

MULHER

O Juca!

SENHOR

Foi preso agora mesmo, porque pretendeu assaltar-me para me roubar, quando entrava no meu carro.

MULHER

Preso?!

SENHOR

Sim! E será processado como ladrão! (*Sai*).

MULHER

Coitado! (*Olha para a porta por onde saíu* MARIA *e sai. Em seguida,* MARIA *entra, atravessa a cena, do quarto para a rua, da mesma maneira como saíra, mas com uma toalha de mesa amarrada à cintura e arrastando, como cauda, outros trapos, e um chapéu de homem com uma pena de espanador, na cabeça. Neste momento, torna a escurecer e reaparece a porta da igreja onde estão os mendigos novamente a conversar*).

OUTRO

Enlouqueceu?

MENDIGO

Esteve no hospício durante muitos anos, convencida de que era a mulher mais rica do mundo!

OUTRO

E o senhor?

MENDIGO

Fui preso e condenado a seis anos de prisão celular, como assaltante!

OUTRO

Sofreu muito?

MENDIGO

Durante um ano. Depois, compreendi que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis... como a chuva, o vento, a tempestade... o dia e a noite... Tudo o que acontece é a vida. O senhor pode evitar que chova? Pode evitar que o vento, um dia, um furacão, arraste tudo?

OUTRO

Não!

MENDIGO

Pois as desgraças são também inevitáveis. (*Pausa*).

OUTRO

E Maria?

MENDIGO

Minha mulher? Visitei-a muitas vezes no hospício, depois que saí da prisão. Um dia, a pobrezinha desapareceu. Dizem que anda pelas ruas, a divertir os moleques.

OUTRO

Nunca mais a viu?

MENDIGO

Nunca.

OUTRO

Deve estar velha.

MENDIGO

Como eu...

OUTRO

Como é triste a sua vida, meu velho!...

MENDIGO

Triste? Não! É apenas Vida. Não há vida triste, nem alegre. Nós todos nascemos e morremos. O princípio e o fim de todos são iguais.

OUTRO

Mas, viver não é nascer, nem morrer...

MENDIGO

Não. Viver é raciocinar. E o raciocínio é o supremo bem da vida. Quem raciocina não sofre... Pelo raciocínio, sabemos o fim de todas as coisas. A sociedade vai sofrer, porque não raciocina.

OUTRO

Como assim?

MENDIGO

A sociedade admitiu os vícios e as virtudes, quando os vícios e as virtudes não fazem parte da vida... Amor, ódio, saudade, egoísmo, honra, carácter e a própria caridade, da qual vivemos, são fantasias que andam por aí, dificultando a vida quando a vida é tão simples. Viver é só respirar, comer, beber e dormir. E a própria natureza nos dá tudo.

OUTRO

É mesmo. Até agora não tinha pensado nisso.

MENDIGO

É que o senhor pensa que pensa mas não pensa.

OUTRO

Realmente, complicaram muito a vida, sem necessidade nenhuma.

MENDIGO

É por isso que eu abandono a vida... essa vida complicada pelos outros. Vivo à margem. Sou espectador do sofrimento humano e deixo que os homens lutem para livrar-se dos seus próprios erros. Não sou conviva desse grande banquete, obrigado a casaca e outros suplícios. Contento-me com os restos que vão caindo da mesa... (*Neste momento entra uma linda e elegantíssima mulher, que se dirige para a igreja, como se estivesse procurando alguém.* MENDIGO *esconde-se sob o chapéu*).

OUTRO

(*Suplicando*). Favoreça a um pobre que tem fome! (A MULHER ELEGANTE *dá e procura outro níquel na bolsa, para dar ao* MENDIGO, *aproximando-se dele*). Nossa Senhora a acompanhe!

A MULHER ELEGANTE

Amen! (*Dá um níquel ao* MENDIGO *e entra na igreja*).

OUTRO

Deve ser muito rica. Deu-me dois mil réis.

MENDIGO

É a mulher que vive comigo...

OUTRO

E ela sabe que o senhor é mendigo?

MENDIGO

Não. Para ela eu sou um capitalista! E a um capitalista não se pergunta a profissão!

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

(*Risonho*). Porque é feio...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

SEGUNDO ACTO

CENÁRIO

A mesma porta da igreja do acto anterior. Ao subir o pano, os MENDIGOS *estão afastados, um em cada extremidade da escada, em silêncio, recebendo, sem interesse e sem pedir, as esmolas das últimas pessoas que se retiram da igreja. Apagam-se as luzes internas do templo.*

OUTRO

Quanto fez o senhor?

MENDIGO

Um pouco menos do que esperava: duzentos e noventa e seis mil e quatrocentos réis... E o senhor?

OUTRO

Não contei ainda.

MENDIGO

E nem deve contar! Esses mendigos que contam a féria, na rua, desmoralizam a classe. É por isso que alguns se tornam suspeitos.

OUTRO

Mas o senhor contou!...

MENDIGO

Perdão. Não contei. Fui somando, à proporção que caía. É o melhor sistema. Os transeuntes não devem ver o produto de uma colheita. Ficam com inveja, porque quase sempre têm no bolso menos do que nós. Mas, no chapéu, devem estar sempre à vista alguns níqueis: é o «endez»... É aquele ovo que se coloca no ninho das galinhas, para que elas tenham vontade de botar outros...

OUTRO

Eu deixo sempre seiscentos réis.

MENDIGO

É pouco. Deve deixar duas ou três pratinhas. Vendo só níqueis o transeunte não dá pratas. É como nas subscrições. Se quem abre a lista assina 50$000, os outros assinam, pelo menos, trinta. Lá para o finzinho é que aparecem as contribuições pequenas, que vão decrescendo na proporção da quantia inicial.

OUTRO

Estou ansioso para contar a féria. Nunca fiz tanto dinheiro!

MENDIGO

Não conte. Siga os meus conselhos. De hoje em diante ficará sob a minha protecção.

OUTRO

(*Aproximando-se*). Agradeço-lhe muito! Os outros colegas têm sido tão maus para mim...

MENDIGO

É uma desunião horrível. Nós precisamos fundar o nosso sindicato. Mas o senhor será meu protegido.

OUTRO

Obrigado!

MENDIGO

Não agradeça. O que exijo é absoluta obediência, para que eu não sofra a mesma desilusão que tive com o meu último protegido.

OUTRO

Foi ingrato?

MENDIGO

Não. Foi idiota. Fiquei penalizado com a sua desobediência. Era um rapaz com as qualidades indispensáveis a um mendigo e todas as condições físicas: magro... rosto encovado... olheiras... cabelos louros e finos. Era impressionante! Dava a impressão de filho de gente nobre arruinada. Belo exemplar de mendigo...!

OUTRO

E afinal?

MENDIGO

Abandonou a carreira, miseràvelmente!

OUTRO

Como?

MENDIGO

Ofereceram-lhe um emprego público e o desgraçado aceitou!

OUTRO

Naturalmente! É como se tivesse tirado a sorte grande!

MENDIGO

Qual! Hoje é um infeliz: ganha um conto e duzentos por mês!

OUTRO

Belo ordenado!

MENDIGO

Ai! Ai! O senhor começa mal. Assim, retiro-lhe a minha protecção!

OUTRO

Perdão! Eu queria dizer que... para um moço...

MENDIGO

Pois é de moço que se deve começar a pedir! O senhor não vê essas crianças de cinco a seis anos, pedindo? Serão, no futuro, grandes, notáveis mendigos. Na nossa profissão é preciso começar cedo. Um conto e duzentos é um belo ordenado para um incapaz! Um homem inteligente nunca se conformará com um ordenado, por maior que ele seja! O emprego, com ordenado fixo, é o ideal do homem vencido pela vida. Os cargos públicos inutilizam os homens. E, se um dia são dispensados, desorientam-se; têm pavor da vida, sem a protecção do Estado. Às vezes, quando vejo passar o meu ex-protegido, acompanhando humildemente os figurões da República, tenho a impressão de que ele está arrependido.

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque trocou a falsa humildade do mendigo por outra humildade que deve ser cada vez mais aperfeiçoada... se quiser «vencer»...

OUTRO

Vencer?...

MENDIGO

Vencer na vida... Vencer na vida, na opinião dele, é conquistar posições, sem lutar... É um efeito sem causa...

OUTRO

(*Sorrindo*). É uma espécie de «vitória» puxada a burros...

MENDIGO

Exactamente! É como os antigos carros que os «taxis» fizeram desaparecer. (*Pausa*).

OUTRO

(*Bocejando*). Acho que são horas de recolher...

MENDIGO

É cedo ainda.

OUTRO

A esta hora não passa ninguém por aqui...

MENDIGO

Em compensação a vida passa...

OUTRO

A vida não dá esmolas...

MENDIGO

Dá! Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: Experiência.

OUTRO

Lá isso é verdade. Mas não compreendo que o senhor se demore na rua, sendo rico, tendo tanto conforto em sua casa...

MENDIGO

O conforto anda sempre comigo... (*Batendo na testa*). Está aqui! É muito melhor pensar no que a gente tem, do que ver o que vai perder um dia...

OUTRO

Pensa em morrer?!

MENDIGO

Não. Mas também não penso em viver. (*Sorri*). Atingi o grau de perfeição do cavalo, que é o animal mais perfeito do mundo!

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque não sabe que vai morrer!

OUTRO

(*Sorrindo*). Se me deixarem escolher, na outra encarnação, serei cavalo!

MENDIGO

Bravo! Que bela inteligência!—Menandro, poeta grego do IV século antes de Cristo, também disse isto!

OUTRO

O senhor sabe essas coisas?

MENDIGO

E tantas outras! Quando não estou esmolando, estou lendo.

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque ler também é esmolar. Os pobres de espírito pedem esmolas às inteligências opulentas!

OUTRO

Pelo que vejo, do que o senhor gosta mesmo é de conversar...

MENDIGO

Muito! É o melhor prazer da vida! Tenho muita pena dos mudos!

OUTRO

(*Depois de pequena pausa*). Vamos embora?

MENDIGO

Para onde, se estamos tão bem aqui?

OUTRO

Acho que são horas de recolher. Sua mulher deve estar esperando.

MENDIGO

Não. Minha mulher nunca espera por mim. Eu, sim, é que estou esperando por ela...

OUTRO

Ela voltará aqui?

MENDIGO

Não é aqui. É no tempo que eu estou esperando. Ela é moça «ainda» e eu «já» sou velho. Minha velhice é definitiva. A juventude dela é provisória. Parei na velhice e estou esperando que ela envelheça, para sermos felizes.

OUTRO

Acha que vai demorar muito?

MENDIGO

Não. Vivendo comigo envelhecerá depressa. Velhice é mal contagioso. Além disso, tenho procurado convencê-la de que deve envelhecer com urgência, sugestionando-a, modificando-lhe a mentalidade.

OUTRO

Deve ser difícil!

MENDIGO

É fácil envelhecer o espírito das mulheres. E, quando o espírito envelhece, não há mocidade que resista.

OUTRO

Que idade tem ela?

MENDIGO

Vinte e oito anos... e já pensa como eu!

OUTRO

É curioso!

MENDIGO

Curioso e surpreendente! É como se tivesse conseguido reconciliar dois inimigos irreconciliáveis: a mulher e a velhice!

OUTRO

É mesmo!

MENDIGO

As rugas e os cabelos brancos são sempre mal recebidos... Entretanto, morrer na flor dos anos, ninguém quer... As mulheres querem viver eternamente... mas sempre moças!

OUTRO

E a sua está conformada?

MENDIGO

Conformada, não; mas está insensìvelmente preparada para receber os primeiros sinais da velhice!

OUTRO

É uma grande felicidade!

MENDIGO

Diz bem, porque todas acham que envelhecer é castigo, quando em realidade é um convite à consciência para que se tornem mais puras ou menos impuras... Minha mulher tem medo de ser moça, na minha presença.

OUTRO

Como foi que o senhor conseguiu esse milagre?

MENDIGO

O senhor está muito atrasado! Na Europa, fabricam-se objectos antigos, com a mesma perfeição com que o Tempo prepara as mais preciosas raridades!

OUTRO

Mas são objectos...

MENDIGO

Oh! As mulheres, por si mesmas, já são «preciosidades». Daí, para que sejam objectos raros, é só torná-las diferentes das outras.

OUTRO

E isso é fácil?

MENDIGO

Facílimo! Deformar o espírito é muito mais fácil... Basta a convivência com um espírito mais forte e já deformado... Onde há o maior, cessa o menor...

OUTRO

Deve ser interessante a sua vida.

MENDIGO

A outra vida? É agradável...

OUTRO

(*Meio embaraçado*). Sua mulher é... é...

MENDIGO

(*Sorrindo*). Fiel?

OUTRO

Sim. Porque...

MENDIGO

Porque lhe parece impossível...

OUTRO

Com franqueza... Acho impossível...

MENDIGO

Mas não é.

OUTRO

O senhor passa a vida vigiando-a?

MENDIGO

Não. Esgotando a curiosidade da mulher. A mulher é sempre vítima da curiosidade... Afastá-la dos homens é aproximá-la ainda mais. (*Pequena pausa*). Um dia chegue ao quarto que tenho alugado para vestir este «uniforme» e estava tão cansado que adormeci sobre a esteira.

OUTRO

Não tem cama?

MENDIGO

Nesse quarto tenho uma esteira... por causa da vizinhança... É um cortiço muito sórdido. Adormeci e eram quatro da manhã despertei. Vesti-me e fui para casa... (*Escurece o teatro.* O MENDIGO *é substituído pelo Figurante. Sobe o telão. Apresenta-se, como no acto anterior, o quadro do segundo tablado*).

CENÁRIO DO QUADRO

Gabinete luxuoso: divã, «mapples», «fumoir», «abat-jour» de pé, etc. Ao iluminar-se o quadro, está a cena deserta. Logo entra PÉRICLES DA SILVA, *moço elegante, da alta sociedade, no seio da qual desfruta grande prestígio. Tem maneiras muito finas e gestos de requintada elegância. Traz o chapéu na mão e o sobretudo no braço. Vem alegre e seguido de* NANCY, *belo exemplar de mulher, altiva algumas vezes, e, outras, encantadoramente mimosa... Veste um lindo quimono.*

PÉRICLES

(*Galante, consultando o relógio-pulseira*). São quatro horas da madrugada.

NANCY

Já?

PÉRICLES

Já... (*Beijando-lhe a mão*). Então... boa manhã... feliz madrugada...

NANCY

A boa madrugada já passou... Vêm agora os restos da madrugada... Sai com você a mocidade e chega daqui, a pouco, com «ele»... (*desanimada*) a velhice...

PÉRICLES

Já agora não será impertinência insistir na minha proposta...

NANCY

Nem da minha parte impertinência recusá-la mais uma vez...

PÉRICLES

Você está sugestionada por esse velho.

NANCY

(*Vagamente*). Não estou...

PÉRICLES

De outra maneira não se compreende que tenhamos conversado durante seis horas, sem o menor resultado a meu favor. E note-se que soube ser respeitoso, que é como se deve impressionar as mulheres...

NANCY

Foi respeitoso por cálculo?

PÉRICLES

Não.

NANCY

Por galantaria?...

PÉRICLES

Também não. Fui respeitoso, porque gosto de você!

NANCY

Gosta, apenas?...

PÉRICLES

Amo-a! Venero-a! E é por isso que sei respeitar. (*Pequena pausa*). Pela última vez... antes que ele chegue...

NANCY

Já agora é impertinência...

PÉRICLES

Perdão! Mas entristece-me a certeza de que você gosta tanto de um velho, que poderia ser meu avô!

(*Sorrindo*). Não é do velho que eu gosto...

PÉRICLES

De que é, então?

NANCY

De mim mesma... E foi ele quem me convenceu disso...

PÉRICLES

Por esperteza, aproveitando-se da sua ingenuidade!

NANCY

Não! Por inteligência... matando em mim toda a ingenuidade!... E para o meu bem... para a minha felicidade!

PÉRICLES

E foi assim que você deixou de ser ingénua?!

NANCY

Assim mesmo... Por convicção... Pretendo ser muito feliz assim. Todas as mulheres gostam dos outros... Eu... só gosto de mim... Só o amor consegue perturbar a felicidade. E a mulher deve amar, precisa de amar, não pode fugir a esse sentimento... Só é feliz aquela que se ama a si mesma!

PÉRICLES

Egoismo!

NANCY

Não. Felicidade. Egoismo é amar a outro, é querer para si, só para si, o que poderia ser de todos. E eu quero o que é meu, absolutamente meu—eu mesma!

PÉRICLES

Ideias loucas, de gente velha!

NANCY

Não. Ele diz que é uma nova compreensão da vida... E eu também a compreendo assim.

PÉRICLES

Esse velho é terrível!

NANCY

Oh! É tão bom! Tão inteligente que, às vezes, me surpreendo com os seus cabelos brancos... Só pensa em mim... só fala de mim... por mim e para mim...

PÉRICLES

Egoista...

NANCY

Ele?

PÉRICLES

E você também!

NANCY

Ele não. Não me quer para ele. Apenas quer que eu seja só minha. Quando me enterneço e lhe peço que me beije, ele aconselha-me a beijar-me a mim mesma, nos braços... porque, assim, tenho o prazer de beijar uma mulher bonita... e não há melhor prazer do que beijar uma mulher bonita...

PÉRICLES

Velho idiota e perverso!

NANCY

Eu nasci sòzinha, meu bom amigo...

PÉRICLES

E vive com um velho...

NANCY

Não. Vivo na casa de um velho... Não é a mesma coisa.

PÉRICLES

(*A sair*) Adeus, Nancy...

NANCY

(*Rindo muito*). Péricles! (PÉRICLES *volta*). Não se vá embora, sem saber que eu estou brincando.

PÉRICLES

(*Sorrindo*). Durante seis horas!...

NANCY

E é tão pouco!...

PÉRICLES

Acha pouco?!

NANCY

Vamo-nos sentar. (*Sentam-se*). Acho pouco, porque é assim que tenho vivido, há três anos, com esse velho!

PÉRICLES

Que horror!

NANCY

Vida filosófica. Você não sabe que ele é filósofo?

PÉRICLES

Com aquele ar sereno, deve ser mesmo...

NANCY

E é. A filosofia é assim: a gente diz o que sente; ou outros sentem o que a gente não diz; e, afinal, a gente diz o que não sente e sente o que não diz.

PÉRICLES

Não compreendi.

NANCY

Pois é para não compreender mesmo. Se todos compreendessem, as grandes ciências, e até a metafísica, passariam de moda, como os tangos e os sambas...

PÉRICLES

Então, estivemos apenas filosofando?...

NANCY

Apenas... Tudo o que você me disser será respondido como o velho me responde a tudo: filosòficamente!

PÉRICLES

E, agora, podemos conversar como dois ignorantes, ou seja, como dois amorosos?

NANCY

Não. Sejamos apenas sinceros...

PÉRICLES

Confessando o meu amor, sou sincero. E você?

NANCY

Eu serei sincera se lhe disser que não gosto de ninguém. Amo a vida.

PÉRICLES

Já li isso nos poetas. Mas, afinal, que é amar a vida?

NANCY

Não falo no sentido poético. Amar a vida é vivê-la bem. (*Resoluta*). Em quatro palavras, Péricles: Você não tem dinheiro!

PÉRICLES

Mas tenho posição social definida e um brilhante futuro!

NANCY

Brilhantes futuros já passaram de moda. Estamos na época dos presentes de brilhantes. Brilhantes, só como presente; como adjectivo, nem para o futuro...

PÉRICLES

Então, ofereço a você uma situação na sociedade, para que juntos aguardemos o meu futuro, e você...

NANCY

Péricles, você é muito ingénuo! Não há mais futuro. Só há passado e presente. Antigamente, o futuro dos moços era o presente dos velhos. Hoje, não é mais possível envelhecer como os velhos. O futuro foi abolido provisòriamente...

PÉRICLES

(*Irónico*). Você fala como um filósofo...

NANCY

E penso eu mesma...

PÉRICLES

Pensa bem?

NANCY

Não sei se penso bem... Mas penso que a sua posição social é menos sedutora do que a fortuna do meu velho...

PÉRICLES

Acha, então, que devo enriquecer?

NANCY

Antes de mais nada. Os homens sem idoneidade não devem fazer declarações de amor.

PÉRICLES

E eu não sou idóneo?

NANCY

Refiro-me à idoneidade financeira. Não é condição essencial em todos os contratos?

PÉRICLES

É.

NANCY

E o casamento não é um contrato?

PÉRICLES

Como tem sido nefasta a influência desse velho!

NANCY

Nefasta porque me ensinou a viver?... Os homens ficaram meios tontos, depois que as mulheres aprenderam a raciocinar...

PÉRICLES

A raciocinar... como os homens...

NANCY

Exactamente! Somos iguais, meu velho!

PÉRICLES

(*Estremecendo*). Ainda não sou velho!

NANCY

E não ganha nada com isso! É melhor ser velho rico do que moço pobre.

PÉRICLES

Ser moço pobre é, pelo menos, romântico...

NANCY

O romantismo é um velho centenário. Nasceu em 1830, e anda caduco pelas ruas, a sofrer chacotas...

PÉRICLES

Voltamos a falar... filosòficamente...

NANCY

Não. Ainda estou falando... financeiramente...

PÉRICLES

Insistentemente!

NANCY

(*Displicente*). Perfeitamente!

PÉRICLES

(*Levantando-se*). Nesse caso, um dia voltarei aqui com os bolsos cheios de argumentos, para convencê-la! (*Vai a sair*).

NANCY

E não se demore!

PÉRICLES

(*Da porta*). Até breve, Nancy!...

NANCY

Adeus! (PÉRICLES *sai*. NANCY *fica a olhar fixamente para a porta*). Coitado! (*Acariciando os braços e como se falasse com «eles»*). E você, Nancy. Você não será capaz de desistir

das jóias e dos automóveis, para dedicar-se a esse rapaz?... Ah! Não?! Ainda é cedo? Está bem! Você tem muito juizinho, Nancy... (*Deita-se no divã e, logo, entra* PÉRICLES, *assustado*).

PÉRICLES

Já estava no parque, para sair, quando o velho entrou. Vem aí!

NANCY

(*Calma*). Tem medo dele?

PÉRICLES

(*Nervoso*). Não... mas é que...

NANCY

(*Irónica*). Então, tem medo da velhice?...

PÉRICLES

Da minha, quando chegar, não terei...

NANCY

Sente-se e espere. Quero assistir a um encontro de duas épocas na mesma época...

PÉRICLES

Mas...

NANCY

Sente-se! (PÉRICLES *senta-se e entra o* MENDIGO. *Vem elegantemente vestido e é leve, como um jovem de 30 anos: não se*

espanta, não se assusta e nunca perde a linha. PÉRICLES *levanta-se e fica imóvel, meio nervoso).*

MENDIGO

(*A Nancy*). Boa noite.

NANCY

(*Brincalhona*). Bom dia...

MENDIGO

Está fazendo mau juizo de mim?...

NANCY

Não... E você, de mim?...

MENDIGO

(*Olhando para Péricles*). Também não...

NANCY

(*Risonha*). Que maldade foi essa hoje?

MENDIGO

(*Galante*). Maldade?! (*Senta-se junto dela, no divã*).

NANCY

Sim... Obrigando-me a ter saudades... (*Gesto de ciúmes de* PÉRICLES, *que continua de pé, meio «gauche»*).

MENDIGO

Teve saudades?!...

NANCY

Não sei bem... Mas vou explicar. Pensei muito em você... Muito, muito mesmo... E como nunca sei onde você está... quando não está aqui, pensei só em você, porque não podia pensar nos lugares onde você passou...

MENDIGO

Ora... quando não estou aqui, estou nas ruas, em contacto com os transeuntes...

NANCY

Com os transeuntes?

MENDIGO

Sim. São os meus melhores amigos...

NANCY

(*Sorrindo*). Você não é amigo de ninguém...

MENDIGO

Sou amigo da multidão... e a multidão é tudo!

NANCY

Só é amigo da multidão?...

MENDIGO

E de você... No mundo, só há você...

NANCY

E você...

MENDIGO

Nós dois... Ninguém mais existe... longe ou perto de nós... (*Gesto de* PÉRICLES). Rio-me de toda essa gente «chic» que passa por mim. Coitados, não sabem que já morreram... E morreram em pé. (*Gesto mais violento de* PÉRICLES).

NANCY

Sente-se, Péricles.

PÉRICLES

(*Sentando-se bruscamente*). Obrigado!

MENDIGO

(*Levantando-se*). Oh!... (*a Péricles, serenamente, mas sempre irónico*). O senhor é Péricles mesmo?!

PÉRICLES

(*Levantando-se*). Sim! Péricles!

MENDIGO

Muito prazer em conhecê-lo! Já o conhecia muito de nome!...

PÉRICLES

(*Mais à vontade e já risonho*). De onde?!

MENDIGO

Da Grécia! (PÉRICLES *desconcerta-se*).

PÉRICLES

O senhor está enganado!

NANCY

(*Ao* MENDIGO). Quero apresentá-lo a você... Meu amigo de infância...

MENDIGO

Oh! É então um velho amigo de minha mulher! A infância já está tão longe...

PÉRICLES

A sua...

MENDIGO

A nossa... Nós temos a mesma idade... Lembro-me tanto da minha infância, como o senhor da sua... Acho até que sou mais moço do que o senhor...

NANCY

Porquê?

MENDIGO

Você já sabe; às vezes, quanto mais velho é o corpo, mais moço é o espírito.

PÉRICLES

Talvez...

MENDIGO

Não; com certeza. Ser moço é ser forte, e eu sou mais forte do que o senhor.

PÉRICLES

Velho assim?

MENDIGO

A velhice só enfraquece os animais irracionais... porque lhes falta a inteligência para substituir a força bruta...

PÉRICLES

Ah!...

MENDIGO

O senhor não tem medo de um leão velho e desdentado...

PÉRICLES

Claro que não.

MENDIGO

Mas de um homem velho, cuja força moral e cuja inteligência ainda estejam vigorosas...

PÉRICLES

Não digo que não...

MENDIGO

Logo... é possível que eu seja mais moço do que o senhor... E, depois, o senhor é Péricles! (*Noutro tom*). O senhor é Péricles mesmo?

PÉRICLES

Já lhe disse: Péricles.

MENDIGO

Sente-se, Péricles! (PÉRICLES *senta-se — a Nancy*). Estamos diante de Péricles!

NANCY

E que tem isso de extraordinário?!

MENDIGO

Oh! Você não sente que estamos sonhando?!

NANCY

Eu, não!

PÉRICLES

Péricles em nossa casa, é sonho!

NANCY

Você está delirando!

MENDIGO

Não! Estou revivendo a minha primeira encarnação, no século de Péricles! Sabe quem fui eu? Sócrates! O senhor não se lembra de mim?

PÉRICLES

(*Receoso, pensando tratar-se de um caso de loucura*). Como não!

MENDIGO

Lembra-se de Fídias, de Sófocles, de Eurípedes, Aristófanes, Hipócrates, Platão, Xenofonte?

PÉRICLES

(*Idem*). Oh! Tantos!...

MENDIGO

Que foi feito de Tucídides?

PÉRICLES

Nunca mais o vi!...

MENDIGO

(*A Nancy*). Estamos diante de um grande estadista e guerreiro destemido!

NANCY

(*Descrente*). Péricles?!

MENDIGO

Sim! Péricles! (*a Péricles*). E seu pai? Como vai o velho Xantipo, o vencedor dos persas em Micale?

PÉRICLES

Está bom, obrigado.

MENDIGO

Bons tempos, aqueles! (*a Nancy*). Era prodigioso o esplendor das artes na Atenas de Péricles! Através dos séculos, ficou deslumbrando o mundo o sol da civilização que dali irradiou. Nomes imortais, como os de nenhum outro povo, atestam a proeminência da raça helénica em

todas as concepções do espírito, e dão lustre inesquecível aos tempos que, por toda a posteridade, ficaram consagrados com o nome de «Séculò de Péricles»! (*Voltando-se ràpidamente para Péricles*). Mas, o senhor é Péricles mesmo?

PÉRICLES

(*Idem*). Sou, sim, senhor!

NANCY

É Péricles, sim!

MENDIGO

Havemos de comemorar a noite de hoje! Dê-me o seu chapéu e o seu sobretudo! (*Retira-os das mãos de Péricles, que está entre aparvalhado e medroso. Senta-se*). Depois que o senhor morreu... fui muito infeliz! A democracia ateniense instaurou processo contra mim e fui condenado a beber cicuta!

PÉRICLES

(*Penalizado*). Oh!...

MENDIGO

Mas posso garantir que morri serenamente, como um justo!

PÉRICLES

Acredito...

MENDIGO

(*Depois de pequena pausa*). Mas o senhor é Péricles mesmo?!

PÉRICLES

Sou! Péricles da Silva, um seu criado!

MENDIGO

Da Silva?

PÉRICLES

Da Silva, sim, senhor!

MENDIGO

Oh! Então o senhor não é o filho de Xantipo, o vencedor dos persas?!

PÉRICLES

Não! Por que se admira?

MENDIGO

Porque o grande ateniense era apenas Péricles! E o senhor é Péricles da Silva! (*Noutro tom*). Desculpe o engano... Eu devia ter notado logo que o senhor é como esses Florianos Peixotos de Castro, Ruis Barbosas de Almeida e Joaquins Nabucos de Sousa, que andam por aí carregando nomes ilustres, inconscientemente... Estamos, com efeito, num outro «Século de Péricles»... o seu século... (*Aponta para ele*).

NANCY

Não se esqueça de que Péricles é meu amigo de infância!

MENDIGO

Conversaremos, então, como bons amigos. Deixarei de ser Sócrates!...

NANCY

(*A Péricles*). Devo preveni-lo de que o meu amigo é bonzinho... Apenas não quis interromper a brincadeira, para que você pudesse observar o quanto o meu filósofo é alegre e chistoso!

PÉRICLES

Diga antes que não quis poupar-me o susto por que passei...

NANCY

Assustou-se?!

PÉRICLES

Não era para menos...

NANCY

Pois comigo é sempre assim...

PÉRICLES

(*Irônico*). O senhor ainda é filósofo?

MENDIGO

Não há mais filósofos, meu caro. A sabedoria humana está muito espalhada. Hoje todos sabem tudo. Não há mais segredos, nem mistérios. O último dos ignorantes julga-se capaz de salvar a Humanidade. Ninguém mais aprende. Todos ensinam.

PÉRICLES

Mas eu confesso que não sei nada...

MENDIGO

Por pilhéria. No íntimo, pensa que sabe tudo. (*Pondo a mão, sùbitamente, sobre o baço, isto é, no lado esquerdo da barriga, como se tivesse sido acometido de uma dor forte*). Ai! Ai!

NANCY

Que foi?!

PÉRICLES

Deve ser no fígado! É fácil de curar-se. É bom tomar...

MENDIGO

O senhor é médico?

PÉRICLES

Não.

MENDIGO

(*Sorrindo*). Entretanto pensa que entende de medicina e chega a querer receitar!

PÉRICLES

(*Sorrindo*. É verdade...

MENDIGO

São todos assim! Advirto-o, entretanto, de que o fígado é aqui e eu coloquei a mão aqui, sobre o baço.

NANCY

Tem graça...

PÉRICLES

Realmente, não há quem não pretenda entender de medicina.

MENDIGO

De tudo, meu amigo, de tudo. De arte, então, nem se fala!... E de política ainda é pior. O senhor conhece alguém que não tenha ideias para salvar o Brasil?

PÉRICLES

Não. Ideias não faltam por aí...

MENDIGO

Ideias... e nada mais. Por quê?

PÉRICLES

Porque o povo é incontentável!

MENDIGO

Na sua opinião. O que o povo quer é a coisa mais simples deste mundo.

PÉRICLES

Qual é?

MENDIGO

A supressão de uma palavra do dicionário.

PÉRICLES

Qual?

NANCY

Miséria!

PÉRICLES

Só isso?

MENDIGO

Só.

PÉRICLES

E o senhor acha que a felicidade está na supressão dessa palavra?

MENDIGO

Não sei se acho, mas é tão fácil experimentar...

NANCY

Nesse caso, eu proporia a supressão de mais uma palavra...

MENDIGO

Qual é?

NANCY

Amor!...

MENDIGO

Não! Amor é a palavra mais bonita do dicionário. O que é preciso é reintegrá-la no seu verdadeiro sentido.

NANCY

Mas o amor tem cinco sentidos...

MENDIGO

Além dos sentidos figurados... Pois suprimamos aquela palavra e veremos como todas se reajustarão, inclusive o amor.

NANCY

E a felicidade?

MENDIGO

Felicidade é a palavra inspiradora. Se ela não existisse, com todas as suas inocentes seduções, talvez a Humanidade fosse feliz, como são felizes aqueles que não sabem distinguir o bem do mal...

NANCY

E o egoísmo?

MENDIGO

O egoísmo é o grande obstáculo! É o castelo feudal em cuja arca está guardada essa palavra abominável mas necessária — Propriedade!

PÉRICLES

Se não me engano, pela sua maneira de falar, o senhor é comunista!

MENDIGO

Psiu! Silêncio! Comunismo é palavra que quer entrar para o dicionário com escalas pela polícia...

PÉRICLES

Então, é por isso que toda a gente tem medo dessa palavra?...

NANCY

E haverá razão para tanto medo?

MENDIGO

Há! O comunismo é como aquele boneco de palha de que a gente tem medo quando é criança.

NANCY

Não entendi.

MENDIGO

Havia em minha casa, quando eu era pequeno, um boneco de palha, com o qual minha mãe me obrigava a dormir mais cedo. Eu tinha um terror pânico do boneco. Um dia, distraìdamente, sentei-me em cima do manipanço.

NANCY

Que horror!

PÉRICLES

Deu um salto, assustadíssimo?!

MENDIGO

Não. Quando percebi que o esmagara, retirei-o do suplício, examinei-o bem e compreendi, por mim mesmo, que o boneco de palha era incapaz de fazer mal às crianças. Ajeitei a barriguinha dele e tornei-me o seu maior amigo.

NANCY

E sua mãe?

MENDIGO

Minha mãe ficou meio encabulada. Mas eu fui incapaz de chamá-la mentirosa. — O comunismo é o boneco de palha das crianças grandes.

PÉRICLES

Tem razão. Quando ouço falar nisso, penso logo num velho feio, barbado, de nariz torto e vesgo.

MENDIGO

Compreende. Se o senhor me encontrasse à porta de uma igreja, pedindo esmolas, seria capaz de pensar que eu sou... quem sou?

PÉRICLES

Não.

NANCY

Mas isso é um absurdo!

MENDIGO

Tanto quanto é absurda a ideia do senhor Péricles... da Silva... O maior absurdo é a própria realidade.

NANCY

Realidade não é absurdo.

MENDIGO

Logo... Não há absurdo... Tudo é real. Até o que imaginamos. Ninguém consegue imaginar fora da realidade. Do nada não é possível tirar nada...

NANCY

Nesse caso, seria possível prever o futuro.

MENDIGO

O futuro não se prevê; vê-se, querendo...

PÉRICLES

Como assim?

MENDIGO

Como ensinava Anatole France. O futuro é igual ao passado. Da mesma maneira por que o senhor vê vagamente o passado, pode ver o futuro. O senhor sabe que o sol vai nascer amanhã como nasceu ontem. Se quiser raciocinar, saberá o resto.

PÉRICLES

Dá muito trabalho...

MENDIGO

Realmente. O senhor, certamente, é dos que acham que ignorar é a suprema felicidade. O senhor sabe ler?

PÉRICLES

Sou Bacharel em Direito!

MENDIGO

Não. Estou perguntando se sabe ler.

PÉRICLES

Sei.

MENDIGO

Para quê?

PÉRICLES

Para viver melhor.

MENDIGO

Pois não parece...

PÉRICLES

Peço perdão ao sábio...

MENDIGO

Os sábios não condenam a ignorância. Respeitam-na. Adão, antes do pecado original, era o homem mais feliz do mundo!

NANCY

Porque era o único...

MENDIGO

Pois foi depois que vieram os outros que ele se tornou infeliz. Hoje, homem feliz é «avis rara».

NANCY

E mulheres felizes? Também não há?

MENDIGO

Há muitas... no céu... As onze mil virgens...

NANCY

Só?!

MENDIGO

Só. As outras não alcançaram o bom tempo...

PÉRICLES

Hoje é o tempo do dinheiro... (*Olhando para Nancy, intencionalmente*). Só é feliz quem tem dinheiro...

MENDIGO

O senhor sabe o que está dizendo?

PÉRICLES

(*Baixando a cabeça*). Sei... E sobre isso desejaria falar com o senhor em particular. (*Pausa.* MENDIGO *olha para Péricles e para Nancy, que também está muito comprometida*).

NANCY

Nesse caso, com licença. (*Sai. Pausa*).

MENDIGO

(*Ansioso, depois de olhar para a porta por onde saíu Nancy*). Vamos! Fale, rapaz!

PÉRICLES

O senhor jura que guardará segredo?!

MENDIGO

Ninguém é capaz de guardar um segredo, senão por conveniência!

PÉRICLES

Então serei o maior dos desgraçados! Boa noite! (*Vai a sair*).

MENDIGO

(*Enérgico*). Rapaz! (PÉRICLES *volta-se*). Nem pense em deixar esta casa, sem revelar esse segredo!

PÉRICLES

Mas, senhor, seria expor a minha vida à pior desgraça, sem ao menos a garantia de um simples juramento...

MENDIGO

(*Misterioso, ansioso, segurando-o pelo braço*). É ridículo jurar, mas juro! — Diga!

PÉRICLES

(*Choroso*). Sou irmão de Nancy!

MENDIGO

(*Desinteressando-se*). Ora...

PÉRICLES

Mas não é tudo!

MENDIGO

Hem?

PÉRICLES

Preciso de cem contos de réis por vinte e quatro horas!

MENDIGO

(*Calmo*). Sente-se aí. (PÉRICLES *obedece*). Gosto de casos escabrosos...

PÉRICLES

Eu vou contar...

MENDIGO

Não é preciso. Nancy tem vergonha de ser sua irmã...

PÉRICLES

Tem...

MENDIGO

E tem razões para isso...

PÉRICLES

Tem...

MENDIGO

Já sei. Em que Banco está «trabalhando»

PÉRICLES

No Banco de Crédito Agrário.

MENDIGO

É «caixa»?

PÉRICLES

Sou.

MENDIGO

Balanço é o diabo... Um desfalque de cem contos...

PÉRICLES

Noventa e oito...

MENDIGO

Um pequenino engano a meu favor... Pretende repor o dinheiro durante o balanço...?

PÉRICLES

Pretendo.

MENDIGO

E depois?

PÉRICLES

Fugir...

MENDIGO

(*Canalha*). Sem dinheiro?... (PÉRICLES *baixa a cabeça e não responde*). Menino, a Terra é pequena demais para conter, sequer, a ideia de fugir... Sossegue o espírito. Por Nancy, sou capaz até de pedir esmolas... Que absurdo, hem?... Reponha os cem contos e, depois do balanço, volte aqui...

PÉRICLES

Com o dinheiro?

MENDIGO

Sem dinheiro...

PÉRICLES

(*Beijando-lhe a mão*). Muito obrigado! Muito obrigado! (MENDIGO *vai a sair*). Que vai fazer?

MENDIGO

Buscar o dinheiro. Toda a minha fortuna está dentro de casa. Não confio nos Bancos... Não acha que tenho razão?

(*Baixando a cabeça*). Acho. (MENDIGO *vai a sair*). Um momento, senhor! (MENDIGO *volta-se*). Pelo amor de Deus, não conte nada a Nancy!

MENDIGO

Descanse. A ela só não poupo o desgosto da minha velhice... porque não posso... (*Sai.* PÉRICLES *fica olhando para a porta, absorto.—Passeia, nervoso, sorri, esfrega as mãos, até que* MENDIGO *volta, trazendo dois pacotes de dinheiro.* PÉRICLES *retoma a atitude anterior.* — MENDIGO, *entregando-lhe os pacotes*). Cinquenta... e cem...

PÉRICLES

Obrigado!

MENDIGO

Guarde isto nos bolsos do sobretudo. (PÉRICLES *guarda um pacote em cada bolso, dos de fora*). Chegue mais cedo ao Banco. Não fique nervoso.

PÉRICLES

Sim.

MENDIGO

Até amanhã. Nancy virá despedir-se de você.

PÉRICLES

Até amanhã.

MENDIGO

(*Saindo*). Juízo... Fugir... não é negócio.

PÉRICLES

Até amanhã. (MENDIGO *sai.* PÉRICLES *ajeita o sobretudo sobre a cadeira e entra* NANCY).

NANCY

Que foi que você disse?

PÉRICLES

Nada... Pretendia confessar-lhe que te amo. Mas seria cruel e inútil...

NANCY

Inútil, porquê?

PÉRICLES

Porque tu não me amas!

NANCY

Amo-te, sim, Péricles. Mas amo-te tão conscientemente que, para não te fazer sofrer, prefiro viver longe de ti, na companhia deste pobre velho... riquíssimo...

PÉRICLES

O dinheiro e a vaidade serão mais fortes do que o amor?

NANCY

O dinheiro, não; mas a vaidade é! E vaidade sem dinheiro é cretinice...

PÉRICLES

Nancy! Quanto vale a minha mocidade?

NANCY

Nada! Por enquanto, nada! Mocidade sem dinheiro equivale a operário sem trabalho... quando muito, a mocidade pode aumentar o valor do dinheiro que possua...

PÉRICLES

Quanto valem cem contos na minha mão?...

NANCY

Para mim?...

PÉRICLES

Sim...

NANCY

Muito... Um tostão de um moço pobre vale mais do que um conto de um velho rico... Já podes saber quanto valem cem contos na tua mão.

PÉRICLES

Que bom se eu tivesse cem contos...

NANCY

Fugiríamos e seríamos as duas criaturas mais felizes do mundo!...

PÉRICLES

Fugiríamos?

NANCY

Sim! Fugiríamos! E todas as vezes que eu recebesse de tuas mãos um pouco desse dinheiro, pensaria que a felicidade depende do dinheiro, mas não está no dinheiro. Está

no amor! No amor, que é bem comum, mas que os donos do mundo açambarcaram e tornaram inacessível, como o usto da própria vida!

PÉRICLES

Não, Nancy! O amor é como o ar, a água e o céu! O amor é de todos!

NANCY

Inocente!... O amor pertence ao dinheiro e o dinheiro a meia dúzia. Para amar é preciso viver e para viver é preciso pagar um tributo aos donos da vida!

PÉRICLES

A vida é nossa, Nancy!

NANCY

A vida é de todos, mas está nas mãos deles. Se eu correspondesse ao teu amor, tu serias um ladrão do amor que vendi a esse velho.

PÉRICLES

E por que vendeste o teu amor?

NANCY

Para viver!

PÉRICLES

Há tantos meios de viver...

NANCY

Quando os donos da vida consentem. Os destinos estão nas suas mãos. Fazem a felicidade de uns, por interesse,

e, por interesse, fazem a infelicidade de outros. Ninguém é feliz, ladrão ou assassino, por vontade própria.

PÉRICLES

Pois então, Nancy, roubemos um pouco de felicidade para nós!

NANCY

É tão difícil...

PÉRICLES

Não é! Amanhã, terei cem contos!

NANCY

De quem?

PÉRICLES

Meus!

NANCY

Mentira!

PÉRICLES

Juro!

NANCY

Enlouqueceste?!

PÉRICLES

Não! Também tenho o direito de viver!

NANCY

Péricles!

PÉRICLES

Não me perguntes mais nada! Fugiremos!

NANCY

(*Pensativa*). Sim... Fugiremos...

PÉRICLES

Amanhã?

NANCY

Amanhã!...

PÉRICLES

(*Da porta*). Quanto valem cem contos na minha mão?

NANCY

Toda a felicidade, que não é nossa!

PÉRICLES

Mas que havemos de roubar!

NANCY

E o dinheiro?

PÉRICLES

Será nosso, como é nossa a felicidade que está nas mãos dos donos da vida! (*Escurece. Voltamos novamente à porta da igreja*).

OUTRO

Fugir! Que bobagem!

MENDIGO

O senhor está fazendo progressos...

OUTRO

Compreendi perfeitamente que fugir não adianta.

MENDIGO

A terra é uma grande penitenciária, meu amigo. Só quando somos encerrados nos cubículos escuros dos cemitérios é que somos postos em liberdade. Só foge quem se suicida!

OUTRO

Neste mundo ninguém vive em liberdade?

MENDIGO

Ninguém! Que é liberdade?

OUTRO

É andar à vontade, podendo fazer o que quiser.

MENDIGO

Os penitenciários também ficam em liberdade, dentro dos cubículos...

OUTRO

Mas os cubículos são muito acanhados...

MENDIGO

Um pouco menores do que os nossos...

OUTRO

(*Sorrindo*). O meu é grande!...

MENDIGO

O seu é do tamanho das ruas da cidade. E as ruas da cidade, para o senhor, são muito menores do que os cubículos, para os presos...

OUTRO

Pelo menos, aqui fora, tenho de fazer força, para viver...

MENDIGO

O senhor é um dos mais infelizes penitenciários da vida.

OUTRO

Mas vivo em liberdade...

MENDIGO

Liberdade é coisa que talvez o senhor nunca tivesse conhecido...

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque a liberdade é felicidade e nada mais!... Nunca ouviu falar de condenados que, terminada a pena, pedem para ficar na prisão?

OUTRO

Já! Já!

MENDIGO

Pois então?

OUTRO

Mas a todos parece que só é feliz quem está fora da prisão.

MENDIGO

É porque ninguém tem prestado atenção à vida, senão agora. Quem é mais feliz, na sua opinião: um homem condenado a galés perpétuas ou um homem, em liberdade, condenado a morrer de fome?

OUTRO

Ora... É melhor morrer do que viver preso a vida inteira!

MENDIGO

Então é mais feliz um homem condenado à morte do que um homem condenado a morrer de fome?

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque ambos morrem. Um morre na miséria, inocentemente. E o outro, que procurou a morte, cometendo um crime, morre cercado de todo o conforto, depois de satisfeitas todas as suas vontades, por mais absurdas que sejam...

OUTRO

O senhor é terrível!

MENDIGO

Eu?! Terrível é a vida...

OUTRO

Para o senhor, por pior que a vida seja, é sempre um prazer...

MENDIGO

Porquê?

OUTRO

Porque nem a mulher o faz sofrer...

MENDIGO

Porque a mulher, que é invencível, rende-se à inteligência...

OUTRO

Nem sempre... Confesso que estou ansioso por conhecer o fim da história.

MENDIGO

As histórias não têm fim. Os personagens é que acabam. As histórias continuam, com a entrada de personagens novos. Vida, meu amigo. Vida. (*Pausa*).

OUTRO

O senhor quer dizer que aquele rapaz morreu?

MENDIGO

Não, porque não morrerá, sem me pagar o que me fez! (PÉRICLES *atravessa a cena.*—*Os* MENDIGOS *estendem os chapéus.* PÉRICLES *deixa cair uma pratinha de mil réis no chapéu do* MENDIGO). Deus lhe pague... (PÉRICLES *sai*). Sabe quem é?

OUTRO

Não.

MENDIGO

É o rapaz. (*Mostrando a moeda*). Deu-me dez tostões por conta...

FIM DO SEGUNDO ACTO

TERCEIRO ACTO

CENÁRIO

A mesma porta da igreja dos actos anteriores. Ao subir o pano, MENDIGO *e* OUTRO *estão na mesma situação de sempre.*

OUTRO

A história da sua vida é muito mais complicada do que a história da própria vida.

MENDIGO

O senhor diz isso porque não conhece a história da vida... É muito mais simples do que a vida de qualquer de nós...

OUTRO

Desconheço-a. Li muitos livros de história, mas em nenhum encontrei a história da vida...

MENDIGO

Não é nos livros que se lê essa história. Há muita gente interessada em ocultá-la, para que os homens como o senhor suponham que a vida sempre foi como é e que há-de ser eternamente assim.

OUTRO

De que serve saber como foi se a gente não pode fazer voltar o passado?

MENDIGO

Mas pode-se estabelecer um presente melhor. (*Pausa*).

OUTRO

(*Interessado*). Conte-me lá como foi a vida...

MENDIGO

Já lhe interessa?

OUTRO

Interessa-me, contada pelo senhor... O senhor inventa umas coisas curiosíssimas...

MENDIGO

A verdadeira vida é tão diferente desta que vivemos, que ao senhor parece invencionice minha...

OUTRO

Se não é, parece mesmo...

MENDIGO

O senhor não pensa.

OUTRO

Penso.

MENDIGO

Não pensa. O senhor pensa que pensa.

OUTRO

É isso mesmo...

MENDIGO

Se o senhor pensasse, chegaria às conclusões que cheguei. Sabe quantos são os reinos da natureza?

OUTRO

Ah! Isso eu sei! São três: animal, vegetal e mineral. (*Contente*). Viu?

MENDIGO

Muito bem!... São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças dos homens; foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha, foi engarrafada!

OUTRO

Que nos resta, então?

MENDIGO

O ar, meu amigo, o ar. Mas, se a vida continuar assim, eles conseguirão, por intermédio da ciência oficial, monopolizar esse elemento. E teremos de comprar balões de ar para viver, como os moribundos compram balões de oxigénio para prolongar a vida!

OUTRO

Então, a ciência é inimiga do homem?

MENDIGO

Não. O homem é que é inimigo do próprio homem. Inimigo de si mesmo. O inventor da guilhotina foi guilhotinado...

OUTRO

Bem feito!

MENDIGO

E tudo o mais tem sido assim. Todas as armas dos homens foram fornecidas pelas suas próprias vítimas. Os capitalistas não inventam nada. Aproveitam-se das invenções dos outros. Homens inúteis, que se utilizam de tudo!

OUTRO

E de quem é a culpa, se todos temos o mesmo direito à vida?

MENDIGO

A culpa é dos egoistas que sabem que a natureza deu a todos a mesma vida, impondo as mesmas necessidades, e privam a maioria da satisfação dessas necessidades.

OUTRO

Nesse caso não há remédio.

MENDIGO

Há. Basta que se corrijam essas desigualdades por meio de nova organização.

OUTRO

Mas não é justo que um «burro» tenha a mesma vida de um inteligente...

MENDIGO

Mas se todos dependemos uns dos outros, se os inteligentes dependem dos «burros», é justo que aos «burros» seja dado o mesmo direito de viver. Se o carroceiro não der capim ao burro, não terá quem lhe puxe a carroça.

OUTRO

Isso é diferente.

MENDIGO

É o que lhe parece. O capitalista vive do povo consumidor. Mas se ele reduz o povo à miséria, o povo não poderá consumir.

OUTRO

Explique melhor.

MENDIGO

O operário produz na fábrica aquilo mesmo que terá de comprar para viver. O dono da fábrica armazena a sua produção. Os preços sobem. O operário fica impossibilitado de comprar. A produção armazenada aumenta. O dono é obrigado a fechar a fábrica. O operário fica privado do que produziu, mas em compensação o dono da fábrica não tem quem lhe compre a produção. A vida pára. O operário morre às portas do armazém e o dono da fábrica morre dentro do armazém, como o avarento que morreu asfixiado dentro do próprio cofre... Entendeu?

Entendi. Mas continuo a dizer que não há outro remédio.

MENDIGO

Há. O senhor conhece a história do cavalo do inglês?

OUTRO

Conheço. Quando o cavalo já estava quase habituado a viver sem comer, morreu...

MENDIGO

Exactamente. Os próprios ingleses passaram a dizer que os factos são obstinados. Ninguém pode lutar contra a força lenta e subtil dos factos.

OUTRO

Mas os factos são sempre os mesmos.

MENDIGO

Eis aí porque não adianta fugir à compressão dos factos. Á instituição da mentira, pelo primeiro mistificador da Humanidade, só serviu para criar um regime de ilusões e tornar falsa a vida, como toda a gente sabe e proclama. Todos se queixam de que a vida é falsa, todos lamentam os aborrecimentos causados pelo convencionalismo da vida, e anseiam o conforto que nos traz a verdade, mas ninguém tem a coragem de violar o código do Bom Tom!...

OUTRO

Que código é esse?

MENDIGO

É a única lei social que a burguesia respeita... Obriga as pessoas a uma série de coisas horríveis, que são feitas com muito prazer...

OUTRO

Coisas de gente rica...

MENDIGO

...Que os pequenos burgueses procuram imitar para causar pena a quem lhes observe o ridículo. Os pequenos burgueses, aqueles que ainda estão morrendo de fome, vivem, exteriormente, como os ricos: comem as mesmas comidas, vestem as mesmas roupas, andam nos mesmos automóveis... dormem nas mesmas camas... os ricos à custa dos pobres, os pobres à custa da própria miséria... Como são ridículos os pequenos burgueses.

OUTRO

Ridículos são os que têm vergonha de ser pobres.

MENDIGO

Os pobres de luxo. Aqueles que empenham os móveis para ir ao Municipal. (*Noutro tom*). Meu amigo, quem não passa fome e tem roupinha melhor para vestir, finge que é rico. A humanidade compõe-se de miseráveis, falsos ricos e ricos falsos. A pior classe é a dos falsos ricos. Sofrem mais do que os miseráveis... como nós... (*Sorrindo*) como

o senhor... Sofrem mas fingem que não sofrem. Daí a impressão de que não há necessidade de melhorar a vida. A grande maioria tem vergonha de dizer que sofre. O sofrimento para eles é coisa mesquinha, que preferem sofrer calados a ter de confessar a própria miséria, para vir um dia a deixar de sofrer.

OUTRO

Isso é verdade... Conheci uma família que não tinha que comer, mas, da minha casa, ao lado, ouvia-se todas as manhãs barulho de garfo em prato de louça, como se estivessem batendo ovos para fazer fritada...

MENDIGO

A grande maioria é assim. Mentem que são felizes e que não precisam de nada, precisando de tudo. Aqueles que mais concorrem para aumentar a minha fortuna são os que pagam à inteligência o pesado tributo da burrice...

OUTRO

Se todos pensassem como o senhor...

MENDIGO

Todos pensam como eu, mas há uma coisa que atrapalha o pensamento...

OUTRO

Que é?

MENDIGO

O medo. Medo moral das coisas invisíveis. Os homens só têm medo daquilo que não vêem...

OUTRO

Medo de Deus?

MENDIGO

É. Ninguém cumpre o que Deus determinou pela palavra do Messias. Mas como o dinheiro resolve tudo, compram o perdão de Deus, por nosso intermédio.

OUTRO

O que faz falta é a religião perfeita.

MENDIGO

Todas as religiões são perfeitas. Os homens é que são imperfeitos. Funde-se uma seita que forneça à hora da comunhão, ao invés da hóstia, um suculento bife com batatas e veremos como não lhe faltarão adeptos.

OUTRO

Eu garanto que iria comungar todos os dias...

MENDIGO

Claro. Todos querem resultados imediatos. Se todos os crentes reflectissem um pouco no sério compromisso que assumem ao rezar um «Padre Nosso», poucos seriam capazes de repetir aquelas palavras: «Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores...» Quem é que perdoa dívidas, «seu» Barata? As próprias religiões são intransigentes. O suicida não tem direito à missa...

OUTRO

E o senhor acha que Deus concorda com isso?

MENDIGO

Não tem outro remédio. Pois se os homens se colocaram acima d'Ele, arrogando-se o direito de resolver sobre os casos omissos!

OUTRO

Mas, afinal, quem é que fala em nome de Deus?

MENDIGO

Todos, menos aqueles que obedecem cegamente. Que importa que tenham existido Buda, Confúcio, Sócrates e Platão? Se um dia convocassem um congresso de todas as igrejas para discutir os pontos controversos, acabariam por negar a existência de Deus...

OUTRO

É por isso que se diz que sobre religião não se deve discutir.

MENDIGO

Maomé era analfabeto e chegou a ser um Deus, embrulhando os mais letrados do seu tempo... Os pretos velhos, ignorantes, tornam-se afamados macumbeiros e governam a vida dos homens mais ilustres. À porta das cartomantes mais broncas, param os mais luxuosos automóveis...

OUTRO

Porquê?

MENDIGO

Porque a infelicidade anula tudo. O infeliz é sempre candidato à superstição. E o supersticioso é o maior ignorante, embora tenha sido um sábio. O infeliz não crê em nada do que já sabe, para crer em tudo que os outros dizem que sabem...

OUTRO

O senhor fala assim e, no entanto, é um grande infeliz.

MENDIGO

O senhor está enganado.

OUTRO

Mas a sua mulher...

MENDIGO

Minha mulher é que é infeliz.

OUTRO

O senhor quer dizer que ela não encontrou a felicidade naquele rapaz?

MENDIGO

A felicidade dela está comigo. Convenci-a de que a felicidade dela está no dinheiro, porque dinheiro é o que não me falta. Os homens devem conduzir os desejos da mulher para tudo o que lhes possam dar. Um poeta faminto é feliz com a mulher porque a convenceu de que a suprema felicidade está na miséria. A mulher só deseja o que o homem lhe sugere.

OUTRO

E o senhor conseguiu bons resultados com esse processo?

MENDIGO

O senhor verá. No dia seguinte, o rapaz, que levara os cem contos meus, voltou... (*Escurece a cena. Desaparece a igreja e apresenta-se no tablado superior a mesma cena do acto anterior. A cena está deserta e logo entra* PÉRICLES. *São sete horas da noite. Ele vem com o mesmo sobretudo do acto anterior. Vai à porta e chama, a medo*).

PÉRICLES

Nancy! Nancy!

NANCY

(*Entrando*). Que horas são?

PÉRICLES

Sete e meia.

NANCY

É cedo. O velho ainda não voltou.

PÉRICLES

Tanto melhor.

NANCY

Não! Não fugirei sem despedir-me dele.

PÉRICLES

Quem foge não se despede, Nancy!

NANCY

Mas eu quero ouvir-lhe ainda uma vez a voz e enriquecer com mais alguns ensinamentos a grande bagagem de experiência que levarei comigo.

PÉRICLES

Esse velho é muito perigoso, Nancy. Tenho medo que ele te sugestione.

NANCY

Não há perigo. Tu és moço e a mocidade é muito mais sugestionadora. (*Transição*). Trouxeste o dinheiro?

PÉRICLES

Cem contos, Nancy! Cem contos para comprar toda a felicidade do mundo!

NANCY

(*Abraçando-o*). Viajaremos! Novas terras, novas vidas! Quero viver muito! (*Transição*). Onde está o dinheiro?

PÉRICLES

Está aqui. (*Retirando os pacotes dos bolsos do sobretudo*). Guarda-o contigo!

NANCY

(*Recebendo-o*). É meu! Que fortuna! Cem contos, amor e mocidade!

PÉRICLES

Nancy, que te falta agora?

NANCY

Fugir! Remoçar na tua companhia!

PÉRICLES

Pois então não percamos um só minuto!

NANCY

Não. Quero primeiro mostrar-me independente aos olhos daquele velho e dar às minhas frases o mesmo sentido que ele dá a todas as que me diz. Cem contos! Meus! Só meus! Como é boa a sensação da posse sem o horror do sacrifício!

PÉRICLES

(*Amoroso*). Nancy!

NANCY

Péricles, meu bom Péricles!!

PÉRICLES

Vamos, Nancy!

NANCY

Não. Volta daqui a pouco. Estarei pronta para a conquista da felicidade!

PÉRICLES

Até já!

NANCY

Até já! (PÉRICLES *sai*) Cem contos! Meus! Só meus! (*Guarda os pacotes dentro de um jarrão e, quando vai a sair, entra o* MENDIGO).

MENDIGO

Nancy!

NANCY

Você?

MENDIGO

Eu e você! Toda a vida dentro desta sala!

NANCY

E lá fora não há mais nada?

MENDIGO

Nada!

NANCY

Não há ninguém lá fora?

MENDIGO

Ninguém! Os homens que passam pela vida já acabaram de passar. Eu fiquei junto de você, porque você é a vida!

NANCY

E a felicidade? Não está lá fora?

MENDIGO

Está. Mandou lembranças para você. Encontrei-a à porta de uma igreja, pedindo esmolas. A ilusão, que passara antes de mim, dera-lhe uma fortuna.

NANCY

E a felicidade permaneceu à porta da igreja?

MENDIGO

Permaneceu. A felicidade é muito inteligente e sabe que o dinheiro da ilusão ou é falso ou é roubado.

NANCY

Como assim?!

MENDIGO

Porque elas são amigas íntimas e entendem-se perfeitamente. (NANCY *fica meio preocupada*). E, agora, chega de filosofia. (*Beija-a*). Péricles já esteve aqui?

NANCY

Não...

MENDIGO

Ingrato...

NANCY

Porquê?

MENDIGO

Pedi-lhe que voltasse.

NANCY

Para quê?!

MENDIGO

Quero regenerá-lo para que você não se envergonhe dele.

NANCY

Hem?!

MENDIGO

Nancy, na minha vida só há lugar para uma mentira, a grande mentira que é a verdade da vida e que nunca te

revelarei. A tua felicidade há-de ser perfeita. Ontem dei cem contos ao Péricles para que ele repusesse na «caixa» do Banco em que trabalha a importância de um desfalque.

NANCY

Hem?!

MENDIGO

Péricles queria devolver-me o dinheiro hoje, mas achei prudente que o Banco fosse indemnizado, para evitar que ele realizasse um plano de fuga, que traçara.

NANCY

(NANCY, *desalentada, sentindo fugir-lhe a felicidade*). Pois bem. Péricles está regenerado e preferiu devolver-te o dinheiro.

MENDIGO

Então, esteve aqui?

NANCY

Esteve.

MENDIGO

E o dinheiro?

NANCY

(*Despejando o jarrão*). Está aqui.

MENDIGO

(*Depois de apanhar os pacotes e colocá-los sobre o divã*). Bom rapaz!

NANCY

(*Com amargura irónica*). Então, a felicidade mandou-me lembranças, depois de receber uma fortuna das mãos da ilusão?

MENDIGO

(*Carinhoso*). Mandou... Você não gosta dela?

NANCY

Gosto. Mas sou inimiga da ilusão... (*Noutro tom*). Sente-se aqui. (*Sentam-se*). Você acredita na força do destino?

MENDIGO

Acredito na força. No destino, não.

NANCY

Porquê?

MENDIGO

Porque o seu destino devia ser diferente do meu... Você mesma deve sentir-se impelida para uma vida diferente da minha...

NANCY

Sinto-me. Mas há uma força, que me parece a força do destino, que me prende a você.

MENDIGO

Não é o destino. É a força da inteligência. Viver é desejar. Gostar da vida é ter os desejos satisfeitos. (*Intencional*). Você gosta da vida... Seria absurdo pretender que você gostasse de mim. Então consegui que você gostasse da vida, desta vida que só eu posso dar-lhe.

NANCY

Dinheiro, tantos podem dar...

MENDIGO

Mas nem todos sabem dar... (*Pausa*).

NANCY

Quem é você?

MENDIGO

Eu sou eu mesmo. Igual aos outros e diferente de todos.

NANCY

De onde veio?

MENDIGO

De onde vieram todos.

NANCY

Tem a certeza?

MENDIGO

Nunca tive a curiosidade de Nero... Aceito o que se diz sobre a minha origem, que não dependeu de mim, para que me sobre o tempo de pensar no destino, que só depende de mim.

NANCY

Mas eu quero saber quem é você.

MENDIGO

Eu sou este que está aqui... Aquele que está lá fora é outro...

NANCY

Aquele que está lá fora?!

MENDIGO

Sim. Este mesmo que está aqui, lá fora é outro.

NANCY

É justamente o que quero saber. Quem é você, quando está lá fora?

MENDIGO

Um elemento da multidão. Que importa a você a multidão?

NANCY

Mas onde é que você trabalha?

MENDIGO

Na rua.

NANCY

Fazendo o quê?

MENDIGO

A caridade...

NANCY

Dando esmolas?

MENDIGO

Ou recebendo-as.

NANCY

Não consigo entender.

MENDIGO

Eu sou uma pia de água benta, onde toda a gente vai benzer-se para se livrar dos males. Junto de cada pia de água benta, há uma caixinha onde se deposita o preço das graças divinas...

NANCY

Começo a ter medo das suas «blagues»!

MENDIGO

Medo?

NANCY

Medo, sim. Quisera que você fosse como os outros e que falasse como os outros, sem mistérios.

MENDIGO

Se eu falasse como os outros, seria banal. E um velho banal não interessa nem a si mesmo. Hei-de conservar a sua felicidade enquanto gostar de você. Se eu perguntar o que sente por mim, você não responderá. Não é amor. Nem medo. É uma curiosidade inexplicável, a que os outros chamariam sugestão. Os ignorantes chamar-lhe-íam força magnética. Uma mulher de estalagem diria que tenho pacto com o diabo...

NANCY

Eu mesma não sei o que me prende a você. Às vezes penso que é uma grande amizade.

MENDIGO

Não é. A amizade é inimiga dos instintos. Você não está presa a mim. Está presa à incerteza, à dúvida. E a dúvida sou eu. Se me revelasse, você teria raiva de mim, sendo eu tão bom para você...

NANCY

(*Levantando-se*). Não há nada pior do que a dúvida... (*Sai lentamente*—MENDIGO *sorri, satisfeito*).

PÉRICLES

(*Entrando*). Nancy! (*Vendo o* MENDIGO). Oh!

MENDIGO

Boa noite, Péricles...

PÉRICLES

(*Meio confuso*). Venho agradecer o favor de ontem.

MENDIGO

Sim. Mas estou muito zangado com você...

PÉRICLES

Porquê?

MENDIGO

Porque me trouxe o dinheiro, quando lhe disse que não era preciso? (PÉRICLES *vê os pacotes sobre o divã e fica apavorado*). Este dinheiro é seu, Péricles. (*Levantando-se*). Leve-o

para o Banco. Você está reabilitado... Nancy já sabe de tudo. Até amanhã. (*Sai.* PÉRICLES *escancara os olhos para o dinheiro e para a porta. Sofre a pior das indecisões. Afinal, apanha os pacotes e vai a sair resolutamente, quando* NANCY *aparece*).

NANCY

Péricles! (PÉRICLES *volta-se e deixa cair das mãos os dois pacotes*). Como é perigosa a conquista da felicidade... (*Afastando com o pé os pacotes de dinheiro*). Como é inútil o dinheiro dos infelizes! Tenho a impressão de que sou uma lata de lixo, onde se atiram papéis sujos. Sabes quanto valem cem contos nas tuas mãos?

PÉRICLES

Não, Nancy! Não!

NANCY

Nada. Não tens a impressão de que «isto» que aqui está nem chega a ser dinheiro? (*Apanhando um pacote*). Estas notas são promessas. (*Lendo*). «No Tesouro Nacional se pagará em ouro...»—Ninguém vai buscar o ouro. Todos trocam estas promessas por um pouco de felicidade... E onde está a felicidade, Péricles?

PÉRICLES

Não sei, Nancy. Não sei! Talvez esteja nas mãos desse velho miserável, a quem pertence este dinheiro!

MENDIGO

(*Que entrou a tempo de ouvir estas últimas palavras*). Não. Este dinheiro é seu. Comprei com ele um pouquinho de felicidade para Nancy.

NANCY

Com ele comprou a desgraça deste rapaz!

MENDIGO

Porquê? (A PÉRICLES). O dinheiro não chegou a tempo?

PÉRICLES

(*Num impulso*). O senhor, que é tão bom, tão justo e tão inteligente, há-de saber perdoar-me. Não sou irmão de Nancy!

MENDIGO

Hem?

PÉRICLES

Concebi esta «chantage» para fugir com ela! (*Pausa*). Sou apenas um apaixonado! (*Pausa*).

MENDIGO

Meus pêsames... (*a Nancy*). E você?

NANCY

(*Baixando a cabeça*). Uma infeliz...

MENDIGO

E julgam que seriam felizes só com este dinheiro? Pois bem. (*Batendo no ombro de* PÉRICLES). O dinheiro é seu... E... Nancy também é sua... O dinheiro um dia voltará para mim... e Nancy. (*Vai a sair*). Boa noite. Sejam felizes. (NANCY *intercepta-o*). Já sei... continua a dúvida no seu espírito.

NANCY

Horrível!

MENDIGO

Para a sua completa liberdade, falta ainda dissipar a ilusão com que a tenho mantido junto de mim. Sentem-se. (PÉRICLES *e* NANCY *sentam-se*). Eu sou um reles mendigo de porta de igreja. (NANCY *e* PÉRICLES *sorriem*). As grandes verdades são tão absurdas que é muito difícil acreditar-se nelas.

NANCY

Mas, o senhor é mesmo mendigo?

MENDIGO

Falso mendigo. Os verdadeiros mendigos são os que me dão esmolas.

PÉRICLES

Então, disfarça-se muito bem para esmolar!

MENDIGO

Não. Apenas troco a roupa e ponho as barbas.

PÉRICLES

Só?!

MENDIGO

O senhor acha pouco, mas sabe que é com as roupas que se consegue iludir, à primeira vista...

PÉRICLES

E não teme ser descoberto?

MENDIGO

Não. O dinheiro encobre todas as misérias. (*Pausa.* NANCY *e* PÉRICLES *entreolham-se e olham ao mesmo tempo para os pacotes de dinheiro*).

NANCY

Você é mesmo mendigo?

MENDIGO

Sou, Nancy. E não pense mais em mim. Entre um velho mendigo e um moço, cheio de prestígio social, uma mulher como você não deve hesitar. Fique com ele. É o último conselho que lhe dou. Um dia, quando lhes faltar um pouquinho mais de felicidade, percorram as igrejas e onde eu estiver poderei vendê-la a troco de um tostão. Boa noite. (*Sai para a rua.* NANCY *e* PÉRICLES *ficam imóveis*).

NANCY

Mendigo! Falso mendigo!

PÉRICLES

Acha que devemos aceitar a esmola que nos deu?

NANCY

Não seria demais se a aceitássemos, pois tenho vivido dela!

PÉRICLES

Vê, Nancy, todo o dinheiro é vil. Este, que eu pretendera roubar, fora roubado aos pouquinhos. Não deves

continuar procurando a felicidade no dinheiro. Todo ele é assim. Se não é roubado é ganho. E, quando é ganho, nem sempre poderá dizer-se que não é roubado. O dinheiro honesto não vai além do estrictamente necessário para viver. O juro, o ágio, a percentagem, todo o dinheiro ganho com o dinheiro, é vil. A felicidade está no amor, que é o o que mais tenho para te dar.

NANCY

Amor...

PÉRICLES

Prestígio social! Não te seduz o brilho dos salões? Não te empolga a galantaria dos homens finos? De que serve a tua beleza, longe do convívio da sociedade? Que vale todo este conforto, sem a espiritualidade do «grand-monde», que sabe fazer justiça à vaidade?

NANCY

Chega! Sinto que a minha cabeça está girando, girando... Que coisa terrível é a mentalidade! Estou sendo vítima da mentalidade que esse velho me impôs!

PÉRICLES

Mera sugestão, Nancy. Reflicta bem.

NANCY

Não! Não sei reflectir com a figura desse velho a orientar-me o pensamento. Preciso esquecê-lo! Quero esquecê-lo!

PÉRICLES

Viajaremos.

NANCY

Não. Há mendigos por toda a parte! Vejo uma escadaria imensa, com um velho pedinte em cada degrau! Nunca mais, Péricles! Nunca mais hei-de esquecer! É preferível morrer! Abomino a velhice! Abomino o dinheiro! Abomino a esmola! e apesar disso, sinto uma atracção horrível pela vida misteriosa desse velho!

PÉRICLES

Estás nervosa, Nancy. Dedica-te ao meu amor e esquecerás tudo!

NANCY

Amor, prestígio, tudo o que me ofereces é efémero. Só há uma coisa eterna: é a inteligência! Amor, beleza, fortuna, nada resiste à força da inteligência!

PÉRICLES

Isso quer dizer que, fascinada pela inteligência desse velho, preferes viver na companhia de um miserável mistificador, um pedinte desprezível, que alimenta a tua vaidade e o teu conforto com os restos que a humanidade despeja no seu chapéu?

NANCY

Um mendigo! Um homem diferente de todos os que procuram ser bem iguais aos seus semelhantes! Como tudo isto é novo, na minha vida!

PÉRICLES

Como tudo isto é asqueroso!

NANCY

Meu pobre velho! (*Noutro tom*). Vai, Péricles! Vai e leva contigo os últimos pedaços de ilusão que a tua mocidade vinha deixando aqui.

PÉRICLES

Nancy!

NANCY

Vai! (PÉRICLES *vai saindo lentamente e pára à porta*). A felicidade mandou-me lembranças... Vou procurá-la para agradecer... Vai! (PÉRICLES *sai.—Escurece. Estamos, finalmente, na porta da igreja.* MENDIGO *volta ao seu lugar*).

OUTRO

E o senhor julga-a capaz de fugir com o moço?

MENDIGO

Não sei. Cumpri o meu dever.

OUTRO

Como assim?

MENDIGO

Acho que o dever do homem, em relação à mulher, é torná-la feliz.

OUTRO

E ela será feliz com o rapaz?

MENDIGO

Ofereci-lhe o que dependia de mim. O resto depende dela.

OUTRO

Há quanto tempo se deu isso?

MENDIGO

Hoje, às oito horas da noite. Deixei-os em minha casa, fui ao quarto mudar este «fardamento» e vim para aqui.

OUTRO

Então, quando ela passou por aqui, ainda há pouco, devia estar à sua procura?

MENDIGO

Certamente.

OUTRO

E porque não se deu a conhecer?

MENDIGO

Para que ela tenha bastante tempo de reflectir sobre a sua felicidade.

OUTRO

E por que confessou que vivia da mendicância?

MENDIGO

Para que fosse bem maior o contraste entre mim e o outro.

OUTRO

Só por isso?

MENDIGO

E por vingança, também. Para uma mulher, vaidosa como todas as mulheres, deve ser doloroso ter vivido com um mendigo. Tornei-a feliz, tanto quanto pude. E, agora, fiz-lhe nascer um verdadeiro horror pela felicidade! A figura do mendigo nunca mais lhe sairá da cabeça! Nunca mais poderá transpor a porta de uma igreja! Nunca mais dará esmolas! E há-de ter nojo do dinheiro! Ora, mendigos, igrejas e dinheiro há por toda a parte!

OUTRO

Ela esquecerá.

MENDIGO

Não acredito. Para viver, há-de reconciliar-se com tudo isso e essa reconciliação será impossível sem a minha assistência. (*Pequena pausa*).

OUTRO

Que horas serão?

MENDIGO

Meia-noite, mais ou menos.

OUTRO

Por onde andará ela, coitadinha.

MENDIGO

Fazendo a via-sacra pelas igrejas...

OUTRO

Acredita que continue a procurar o senhor?

MENDIGO

Se não tivesse a certeza disso, não a teria deixado a sós com o rapaz. De longe, seria muito maior a minha influência sobre ela. Deixei-a pensando na grande revelação que lhe fiz. E, assim, trouxe-lhe o pensamento para aqui. Todos os argumentos do rapaz serão inúteis diante da sugestão da minha ausência.

OUTRO

O senhor é terrível!

MENDIGO

Pontos de vista...

OUTRO

(*Procurando distinguir alguém*). Não será ela?

MENDIGO

(*Certificando-se*). É. Agora, pode dizer que eu sou terrível.

OUTRO

A pobrezinha já vem cansada.

MENDIGO

Silêncio! (*Tomam ambos atitudes de pedintes.* NANCY *entra e pára um pouco distante do* MENDIGO. *Traz os dois pacotes de dinheiro embrulhados. Procura reconhecer o* MENDIGO. *Este tem o chapéu na cabeça. Mas passa um transeunte e o* MENDIGO *é obrigado a descobrir-se*). Uma esmola para um pobre velho que tem fome... (*O transeunte deixa cair uma moeda no chapéu*). Nossa Senhora o proteja!

NANCY

(*Que o reconheceu, aproxima-se*). Você está com fome mesmo?

MENDIGO

Não, Nancy. Quem tem fome é este meu colega. (NANCY *retira uma moeda da bolsa e deixa-a cair no chapéu do outro*).

OUTRO

Que Deus lhe dê a felicidade que deseja. (*Passa outro transeunte*).

MENDIGO

Uma esmola para um desgraçado que não come há três dias... (*O transeunte dá*). Deus lhe pague... (NANCY *passa diante do* MENDIGO *e este estende-lhe o chapéu*). Uma esmola pelo amor de Deus... (NANCY *atira-lhe o embrulho do dinheiro e vai sair, mas pára adiante*). Favoreça a um desgraçado com um pouquinho de felicidade!... (OUTRO *levanta-se e vai buscar* NANCY, *puxando-a pela mão até junto do* MENDIGO. *Depois levanta-o e aproxima os dois para que se abracem. Eles abraçam-se.*—MENDIGO, *ao outro*) Deus lhe pague... Barata.

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ACTO

NOTA:—O «meteur-en-scène» empregará música litúrgica, de órgão, no interior da igreja, sempre que a acção o permita e, principalmente, na cena final da peça.

O Grande Remédio

«LEVER DE RIDEAU»

Apresentado únicamente no Teatro Casino do Rio de Janeiro, na noite do centenário de *Deus lhe Pague*... na festa realizada em homenagem a Joracy Camargo, autor de ambos.

★

PERSONAGENS

MENDIGO........................ PROCÓPIO
NANCY .... Elza Gomes
GOVERNANTA .... Luísa Nazaré

CENÁRIO

Câmara preta.—A um canto, confortáveis «mapples», «abat--jour» e «fumoir». São duas horas da madrugada. O «abat-jour» está iluminado. Luz fraca. Ao abrir a cortina, a cena está deserta. Ouvem-se as duas horas. Logo entra MENDIGO-FILÓSOFO, *de casaca, capa e chapéu alto, etc., seguido de* GOVERNANTA (*mulher de 40 anos*).

MENDIGO

(*Entregando a capa e o chapéu à* GOVERNANTA)—Boa noite.

GOVERNANTA

Boa noite, senhor.

MENDIGO

Nancy está em casa?

GOVERNANTA

(*Sempre com a capa e chapéu do* MENDIGO *no braço*). Ainda não chegou, senhor.

MENDIGO

São duas horas da madrugada. A esta hora não há no mundo inteiro uma só esposa que esteja longe do seu marido.

GOVERNANTA

Às vezes...

MENDIGO

O que eu disse é um exagero, mas a senhora compreende-me.

GOVERNANTA

Perfeitamente.

MENDIGO

Há no casamento um grande mistério desencantador das uniões... Deve ser obrigatório da união. (*Pausa*). A que causas atribui a senhora a infelicidade conjugal?

GOVERNANTA

Não entendo disso, senhor. Também fui infeliz com o casamento, mas não quero procurar explicações.

MENDIGO

Está muito bem. Estas investigações cabem aos filósofos e psicólogos. (*Sent. poltrona D. da mesa de fumar*).

GOVERNANTA

E esses homens serão mais felizes do que os outros?

MENDIGO

Os sábios não sofrem. Eles sabem que a Natureza tem leis imutáveis. Imutáveis, de um certo modo, porque só a evolução natural poderá modificá-las. Nós, que vivemos em sociedade, somos infelizes, porque estamos sujeitos a leis que não correspondem aos imperativos da Natureza. São convenções absurdas. A Humanidade está sempre procurando um meio de burlar essas leis. Uma sociedade inteligente seria regida, não por falsas leis sociais, mas por simples regulamentos das leis naturais.

GOVERNANTA

Não percebi bem, senhor.

MENDIGO

Vou dar um exemplo ao seu alcance:—A Natureza impõe-nos a satisfação de várias necessidades, e a sociedade condena umas e dificulta as outras. A senhora, por exemplo, é obrigada a ficar de pé, na minha presença, cansada, talvez...

GOVERNANTA

Oh! Não... senhor...

MENDIGO

A senhora diz que não está cansada, para não transgredir uma das leis falsas... Mas está cansada, porque tem passado muitas noites quase sem dormir. Está cansada porque é humana, mas não tem direito ao descanso, que é um direito dos desumanos... (*Pausa*). Sente-se aqui.

GOVERNANTA

(*Recusando*). Obrigada, senhor.

MENDIGO

Porquê?

GOVERNANTA

Não tenho jeito...

MENDIGO

A senhora está convencida de que somos diferentes... A senhora sabe que é em tudo igual a uma rainha?

GOVERNANTA

(*Escandalizada*). Oh! Não, senhor...

MENDIGO

Ah! Sim... Há rainhas inferiores à senhora...

GOVERNANTA

Oh!!

MENDIGO

Procure conhecer, nos livros, a vida íntima das rainhas que reabilitam as mais famosas cortesãs... Já ouviu falar da vida de um padre chamado Raspútin?

GOVERNANTA

Vagamente.

MENDIGO

Pois bem: um padre e uma rainha... Parece mentira, não acha?

GOVERNANTA

Sempre pensei que fosse mentira.

MENDIGO

Só por pensar assim, a senhora já se pode considerar superior a uma rainha. E agora? Não acha que tem direito a sentar-se junto de mim?...

GOVERNANTA

Peço que me dispense...

MENDIGO

(*Sorrindo*). Porquê? Será porque sou o dono desta cadeira? A senhora acha justo que eu, sendo um, apenas, tenha direito a duas cadeiras?

GOVERNANTA

Esta destina-se à sua esposa...

MENDIGO

Não. Esta cadeira pertence a quem tiver direito a ela! A senhora precisa modificar a sua maneira de pensar.

GOVERNANTA

Como, senhor? (*Entra* NANCY.—*Vem do Teatro Municipal. Está abatida—um pouco envelhecida*).

MENDIGO

(*Levanta-se.—À Governanta*). Pode retirar-se. Depois conversaremos.

GOVERNANTA

Com licença (*Sai. D. A.*).

NANCY

Interrompi alguma conversa?

MENDIGO

Interrompeu.

NANCY

Devo retirar-me?

MENDIGO

Agora, não.

NANCY

E depois?

MENDIGO

Deve retirar-se.

NANCY

Porquê?

MENDIGO

Porque vai ser substituída.

NANCY

Por quem?

MENDIGO

Por outra qualquer. Você não tem obrigação de viver comigo.

NANCY

Somos casados.

MENDIGO

Apenas por isso?

NANCY

Temos uma filha!

MENDIGO

Sente-se, então, presa a mim, pelo casamento e pela existência de uma filha?

NANCY

Pelo menos...

MENDIGO

Que coisa estranha, Nancy! Quando não éramos casados e você era muito mais moça ainda do que eu... há cinco anos...

NANCY

(*Sentando-se na banqueta do piano*). Há cinco anos...

MENDIGO

Eu era um pobre mendigo... não ia a festas nas embaixadas, como hoje... você não ia ao teatro, como agora... você era alegre como ninguém... e não havia força humana que a libertasse da minha influência.

NANCY

Vivia presa à força da sua inteligência...

MENDIGO

A inteligência é eterna e eu sinto-me mais forte do que nunca.

NANCY

Talvez...

MENDIGO

Compreendo. O casamento não foi uma demonstração de inteligência...

NANCY

Eis aí... Foi consentindo em casar comigo que você deu mostras de fraqueza... Por que se casou comigo? Para prender-me. E por que pensou assim? Porque sentiu o fracasso de todo o seu poder de sugestão.

MENDIGO

Você vivia presa a um mistério e o mistério desvendou-se...

NANCY

Quer saber? Logo que o Pretor se retirou, eu olhei para você e vi, nìtidamente, um homem como os outros... Cheguei a sentir saudades de você... do outro... Um dia, vi um mendigo, barbado, à porta de uma igreja e quase falei com ele...

MENDIGO

Sentiu-se atraída?...

NANCY

Senti um abalo nervoso, que me pareceu agradável...

MENDIGO

Tem razão... Mudei a face da vida sem me lembrar de que a sua psicologia continuaria a mesma.

NANCY

(*Passando e sentando-se na poltrona E. da mesa de fumar*). Foi uma experiência infeliz.

MENDIGO

Um descuido... (*Pausa*). Como vai o Péricles?

NANCY

Bem.

MENDIGO

É um bom menino, o Péricles...

NANCY

Mandou lembranças...

MENDIGO

Ele ainda se lembra de mim?

NANCY

Tem razões para nunca mais se esquecer de você...

MENDIGO

Ah! É verdade. Devo-lhe dez tostões...

NANCY

Já perdoou...

MENDIGO

Bom menino, o Péricles... (*Noutro tom*). Bem. Você tem, agora, a noção perfeita do erro que cometeu, procurando-me, à porta da igreja, para restituir-me os cem contos e entregar-se novamente a mim, não é assim?

NANCY

Tenho-a, há muito tempo.

MENDIGO

Nunca é tarde. Você pode remoçar, na companhia dele... e os cem contos continuam à sua disposição...

NANCY

Dispenso os cem contos...

MENDIGO

Só a liberdade bastará? (*Gesto afirmativo de* NANCY). É pena que a sua liberdade não esteja nas minhas mãos...

NANCY

Porquê?

MENDIGO

Não há divórcio no Brasil...

NANCY

Pretende, então, invocar a letra de um contrato, para prender-me?

MENDIGO

Não. Deixo-a em plena liberdade. Mas o mesmo contrato que lhe abriu as portas da sociedade, vai agora bater-lhe com as portas no rosto... Você já esteve entre o prestígio social e o dinheiro. Agora está entre o sofrimento de viver com um velho, contrariada, e o prestígio social... Que é que você prefere?

NANCY

Prefiro a minha felicidade!

MENDIGO

Onde? Como? Fora da sociedade, em companhia de um rapaz?...

NANCY

Tantas vivem assim!

MENDIGO

Tantas! Isto quer dizer que se este regime durar muitos anos mais, a sociedade terá de aceitar uma forma ilegal de união?

NANCY

Pelo menos já não é tão grande a intransigência...

MENDIGO

Meio caminho andado para a felicidade dos infelizes...

NANCY

Infelizes?

MENDIGO

Você sabe que será mais infeliz do que eu?

NANCY

Porquê?

MENDIGO

A mim a sociedade receber-me-á, embora tivesse sido eu o culpado... Mas a você...

NANCY

É por isso que os homens não se interessam pelo divórcio!...

MENDIGO

Dizem que os padres são contrários a esse remédio...

NANCY

Pudera! Eles não podem casar!...

MENDIGO

Como são felizes os padres!...

NANCY

E como são ridículos os homens que se casam e obedecem à vontade dos que não podem casar!...

MENDIGO

E não querem a dissolução da família...

NANCY

E conseguem evitá-la?

MENDIGO

As leis são empíricas, Nancy. O Código Penal proíbe e pune todos os crimes, mas ninguém se lembrará disso, no momento de matar ou roubar. As leis não fazem a felicidade de ninguém. A indissolubilidade do casamento é uma exigência ridícula, que não resiste ao mais elementar argumento científico. Impedir o divórcio e conceder o desquite ainda é mais ridículo e desumano. O desquite é um cupim [1] da sociedade. Você já pensou bem na moral do desquite?

NANCY

Tenho pensado apenas no desquite.

MENDIGO

O desquite legaliza a separação de corpos, mas não envia as desquitadas moças para os conventos... Não é, positivamente, a legalização do sofrimento e da infelicidade?

NANCY

Mas há o recurso das anulações.

[1] Insecto que corrói a madeira e que é conhecido pelo nome de «formiga branca».

MENDIGO

As anulações no Brasil, essas, processadas criminosamente, longe das vistas dos supremos magistrados, estão exigindo que se retire ao Judiciário o nome de Poder Judiciário! Impede-se o divórcio, mas não se impede o desrespeito à lei!

NANCY

(*Sorrindo*). Com que ardor você defende o divórcio!

MENDIGO

Quero apenas reparar um erro. Estou velho. De nada me serviria esse recurso. Você está jovem. Casou-se irreflectidamente...

NANCY

Como quase todas...

MENDIGO

Quero restituir-lhe a felicidade.

NANCY

Ainda gosta de mim?

MENDIGO

Muito. Sem egoísmo. Quero apenas que você seja feliz. Perto de mim ou longe de mim.

NANCY

Você está sendo sincero?

MENDIGO

Pretendo provar a minha sinceridade. A sinceridade é um absurdo, porque quase sempre é contrária aos nossos interesses.

NANCY

Mas não há sempre um interesse?

MENDIGO

Há.

NANCY

Que interesse tem você pela minha felicidade?

MENDIGO

Nenhum.

NANCY

Como assim?!

MENDIGO

Tenho interesse pela minha. Prendê-la ao meu lado, não é fazer a minha felicidade. Prefiro fazer a sua vontade, esperando que um dia você venha fazer a minha...

NANCY

Espera que eu volte um dia?

MENDIGO

Espero.

NANCY

E se não voltar?

MENDIGO

Até quando?

NANCY

Até à sua morte!

MENDIGO

Morrerei feliz, porque terei vivido de uma esperança. E a esperança é tão mais bonita do que a realidade... Se os anos passarem, muitos, uns após outros, eu ficarei esperando por você e na minha lembrança será sempre assim, moça, bonita, alegre... Se você voltar, ao fim de muitos anos, será pior, porque haverá um grande contraste entre a moça bonita da minha lembrança, e a velha triste e sem vida que me entraria por aquela porta. É melhor não voltar...

NANCY

(*Entusiasmando-se*). Oh! Você é formidável!

MENDIGO

(*Levantando-se*). Não se entusiasme. Lembre-se de que Péricles é um bom menino... Vá...

NANCY

Hoje?

MENDIGO

Agora mesmo. Não se deve perder um só minuto de felicidade!

NANCY

(*Levanta-se, põe o «manteau» e vai a sair—desanimada*). Pois bem... Adeus...

MENDIGO

Adeus... (NANCY *pára à porta, indecisa*). Está indecisa? (*Pequena pausa*). Vá, Nancy!

NANCY

(*Parada—desanimada*). Adeus... (MENDIGO *dá um passo, mostrando-se também atraído por ela*).

MENDIGO

Adeus, Nancy.

NANCY

Adeus...

MENDIGO

Você está arrependida?

NANCY

Não sei...

MENDIGO

Que falta nos faz o Barata... hem?

NANCY

É verdade...

MENDIGO

As uniões desiguais não se fazem espontâneamente... Seria preciso a mão de um terceiro, para unir as nossas mãos...

NANCY

(*A sair*). Então... Adeus!

Nancy! (NANCY *volta-se*). Você, ao abandonar-me, não me surpreende... É tão natural... A sua vida há-de ser sempre esta: abandonar os homens... São velhos recalques que determinarão todos os seus passos, orientando-os sempre nesse sentido... Você abandonará sempre... sempre... E os homens abandonados irão, também, mais tarde, abandonando outras... É um ritmo curioso esse da vida das mulheres que se habituam a abandonar. (NANCY *senta-se na banqueta do piano*). Nancy, há vícios que não parecem vícios... Você irá rolando por aí à procura de alguém que você não perdeu... porque você nunca achou ninguém. Cada mulher tem o seu homem. Toda a vida de cada uma se concentra num homem, embora não seja o que ela possui. Mas há excepções. Você não tem o seu homem. E por isso há-de procurar sempre. Por fim, para envelhecer, qualquer um servirá. Você é uma dessas mulheres avulsas que tocam aos homens como eu. Ai de nós, os que não tiveram mulheres determinadas, se não existissem... vocês...—Ficarei esperando...

NANCY

Mas há outros homens avulsos...

MENDIGO

Há. Mas é muito difícil a coincidência de um encontro. Você procurará sempre, sem nunca se esquecer de que eu estou aqui. Cansará... E serei o repouso mais fácil. Repousar é uma grande felicidade. Você vai sair daqui para amar. O amor é uma violência que cansa demasiadamente.

Viver não é amar. Não acredite nos poetas... Desfeitas todas as ilusões, o ideal da vida é o repouso. Só o repouso é definitivo.

NANCY

(*Desorientada*). Ah! Se a gente pudesse convencer-se de tudo isso, já, agora, antes de envelhecer!...

MENDIGO

Todos seriam felizes!

NANCY

Queria que você fizesse o favor de se calar.

MENDIGO

Para quê?

NANCY

Para que eu possa pensar. (*Pausa*). Fale, por favor!

MENDIGO

Para quê?

NANCY

Não sei pensar sòzinha!

MENDIGO

Sabe?—Amanhã recomeçarei a pedir esmolas... sem disfarce... eu mesmo... apenas maltrapilho...

NANCY

E eu?

MENDIGO

Você será sempre a mulher do mendigo... Não há divórcio...

NANCY

Pois bem. Ficarei!

MENDIGO

Até quando?

NANCY

Até ao dia em que a sociedade me der o grande remédio para a cura da maior infelicidade da mulher!

MENDIGO

Nancy, um casamento errado nem sempre é infeliz. No regime actual, mais infeliz será você se me abandonar... E depois... Pense bem... O grande remédio de nada lhe servirá... Garanto que você morrerá da cura...

NANCY

E você?

MENDIGO

(*Olhando para dentro*). Eu sei conformar-me com as mulheres que a vida me dá...

NANCY

(*Compreende que ele se interessa pela Governanta*). Hum...

MENDIGO

Você sairá desta casa... da minha vida... do meu cérebro... Ficará apenas no coração... Dentro da casa talvez você já esteja substituída... no cérebro, dependerá de mim. No coração, tudo ficará como dantes... Ele é bonzinho...

NANCY

Ahn... Pois bem... Prometo ficar...

MENDIGO

Para sempre?

NANCY

Sim...

MENDIGO

Já sei... Gosto de ver que você é bem mulher... Em todas as verdadeiras mulheres há sempre um pontinho vulnerável do ciúme... Eu... Um pobre velho...

NANCY

Não é ciúme...

MENDIGO

Egoísmo?

NANCY

Também não.

MENDIGO

Que é então?

NANCY

Não sei... Sei apenas que sinto uma vontade irresistível de ficar...

MENDIGO

Não exige nada?

NANCY

Não. Peço... apenas...

MENDIGO

Peça...

NANCY

Despeça a governante...

MENDIGO

(*Sorrindo*). Ahn...

PANO